This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 474011

O ASSASSINO DE MACARIO

Digitized by Google

Digitized by Google

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O ASSASSINO DE MACARIO

COMEDIA EM TRES ACTOS

VERSÃO LIVRE

Expressamente coordenada para a festa artistica do ACTOR DIAS

2.ª EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, Editores
1903

Digitized by Google

869.8
C348a
1903

Propriedade absoluta dos editores

Reproducção interdicta em todos os paizes

Digitized by Google

63-351481

PERSONAGENS

Barnabé.
Liborio.
Itelvina.
Sebastiana.

A scena é no Porto.

Digitized by Google

Esta comedia não póde ser representada sem auctorisação dos editores, para quem ficam reservados todos os direitos.

Digitized by Google

ACTO PRIMEIRO

Sala elegante. Porta ao fundo. Portas lateraes no segundo plano. Janella á esquerda, no terceiro plano. Piano encostado á parede direita, no primeiro plano. Canapé á esquerda. Dois contadores pequenos á esquerda e direita. Sophás, cadeiras, e tamborete de piano. Sobre o contador da esquerda utensilios de barbear e espelho. No outro um relogio.

SCENA I

Barnabé, ***(só)***

(*Entra pela esquerda, trajo da manhan, traz na mão uma chocolateira e toalha. Chama:*) Sebastiana!... Isto é que foi dormir alarvemente! *(Olhando para o relogio)* Já dez horas... e eu sem fazer a barba! *(chamando)* Sebastiana! Esta creada é uma calaceira!... Não ha d'outras... Tive um sonho... Isto de sonhos é uma tolice... Sonhei que estava

Digitized by Google

pescando á cana... n'uma cazinha campestre, com transparentes verdes... e um repucho!... Ah! o meu sonho d'oiro!... Logo que eu cazar a filha... Um repuxo... *(chamando)* Sebastiana! Com effeito! (*Vai á porta do fundo*) Sebastiana! Sebas...

SCENA II

Sebastiana e Barnabé

SEBASTIANA

(*entrando pelo fundo*) Aqui estou, senhor!

BARNABÉ

Não me tinhas ouvido?

SEBASTIANA

Perfeitamente. O senhor chamou-me quatro vezes.

BARNABÉ

Então porque não viéste logo?

SEBASTIANA

Estava a almoçar. Acho que o senhor não pretende que os creados não comam.

BARNABÉ

Não...

Digitized by Google

SEBASTIANA

Além d'isso, eu sei que o senhor é pachorrento, um paz d'alma...

BARNABÉ

Abusas um pouco do meu temperamento.

SEBASTIANA

Está enganado... eu pelo senhor era capaz de me atirar ao lume...

BARNABÉ

Pois bem, vai atirar ao lume esta chocolateira... Quero barbear-me. *(Dá-lh'a)*

SEBASTIANA

Dentro de 15 minutos aqui estou. *(Vai sahir).*

BARNABÉ

(chamando) Olha, Sebastiana...

SEBASTIANA

(tornando) Não me mande fazer duas coisas ao mesmo tempo que me atrapalha, ouviu?

Digitized by Google

BARNABÉ

(*á parte*) É uma creada como se quer! Boa bisca... (*alto*) Olha lá... Noto que vae na caza um socêgo extraordinario! Minha filha estará doente?

SEBASTIANA

Não senhor; sahiu de manhan cedo.

BARNABÉ

Ah! é isso? (*Senta-se no canapé*).

SEBASTIANA

E, na verdade, a menina faz um estardalhaço! credo!... E é de pasmar como o snr., tão manso, tão socegado, fez uma filha tão...

BARNABÉ

Tão estapafurdia, pódes dizer...

SEBASTIANA

É isso, estapafurdia... é uma trovoada... credo!

BARNABÉ

Tu que queres?... A natureza tem desconcertos... Olha, Sebastiana, eu nem sempre vivi dos meus rendimentos.

Digitized by Google

SEBASTIANA

Pois sim, sim...

BARNABÉ

Tive uma fabrica de ligas em Fradellos.

SEBASTIANA

De ligas? ora vejam...

BARNABÉ

Fazia pouco negocio... Resolvi ir para o Mexico, por que n'um paiz, n'um paiz quente, bem percebes, mostra-se mais a barriga das pernas... Fundei o meu estabelecimento no Mexico, e grangeei logo toda a freguezia das boas pernas do paiz... com sáias curtas.

SEBASTIANA

Olha que pechincha!...

BARNABÉ

Vais vêr... um par das taes pernas... duas buxas fizeram-me uma impressão profunda... Todas as profissoens tem os seus perigos... Esposei...

Digitized by Google

SEBASTIANA

As taes buxas?

BARNABÉ

Sim... Ella chamava-se Dolores. Sete mezes depois, tinha uma filha...

SEBASTIANA

Sete mezes só? ora essa!...

BARNABÉ

No Mexico a vegetação cresce muito depressa, é o que é; e isso mesmo te explica o genio impaciente da minha Itelvina... Ella não quiz esperar que se completassem os nove mezes... sahiu...

SEBASTIANA

Não admira, não...

BARNABÉ

E aqui tens tu, Sebastiana, como eu, um portuguez de lei, sou pae d'uma maxicana...

SEBASTIANA

Agora é que eu percebo a differença dos dois genios.

Digitized by Google

BARNABÉ

O ceo do Mexico! Os costumes d'esse clima de fogo! Minha filha tem nas veias o meu sangue; mas... mais quente... ferve-lhe mais... em fim, tem uma temperatura mais alta...

SEBASTIANA

Acho que sim... intendo.

BARNABÉ

Ha-de haver um anno que passei o negocio e vim para a patria... Estava rico... primeira felicidade; estava viuvo, segunda feli... Emfim, como não nos davamos bem... segunda felicidade, está dito.

SEBASTIANA

Então não se davam bem...

BARNABÉ

Quero dizer... a senhora Barnabé... era muito fogosa... muito atiradiça... e chamava-me... maricas.

SEBASTIANA

Credo!

Digitized by Google

BARNABÉ

Em fim ella tinha desculpa... Eu bem me conheço... Mesmo hoje, com minha filha, sou uma lesma, um fracalhão... Ahi está ella a querer casar com o valdevinos do Macario.

SEBASTIANA

Mas não basta querer ella.

BARNABÉ

Assim é; mas ella quer á fina força e eu não quero; a final, quem hade vencer é ella, que é a forte, e casará! São favas contadas. Era o mesmo com minha mulher. Dizia-lhe eu «quero»; respondia-me ella «não quero», e eu... moita... nem palavra.

SEBASTIANA

Então estavam sempre de harmonia?

BARNABÉ

Está claro. (*Rumor fóra*)

SEBASTIANA

(*indo á janella*) Que será isto?

Digitized by Google

BARNABÉ

Algum choque do americano com o Rippert.

SEBASTIANA

Nada, parece desordem... Tanta gente defronte da porta...

BARNABÉ

Da nossa?

SEBASTIANA

Sim, snr. Quer que eu vá saber o que é?

BARNABÉ

Não... que me importa a mim?... Olha se me aqueces a agua... anda.

SCENA III

Os mesmos e Itelvina *(Abre-se com estrondo a porta do fundo. Itelvina entra afogueada e passeia muito colerica.)*

BARNABÉ

O'lá!... és tu?

ITELVINA

Sim, sou eu. Bom dia.

Digitized by Google

BARNABÉ

Tu que tens?

ITELVINA

Estou furiosa! (*Passa para a direita.*)

BARNABÉ

D'onde vens?

ITELVINA

De pregar uma bofetada n'um sujeito.

BARNABÉ

Fizeste isso?

ITELVINA

N'um atrevido...

BARNABÉ

Talvez imaginasses...

ITELVINA

Qual imaginasse! um grosseirão que ousou dizer-me cara a cara: «a menina é encantadora.»

BARNABÉ

E bateste-lhe por isso? Que farias tu se elle te chamasse estafermo?

Digitized by Google

ITELVINA

O seu sangue frio, meu pae, quando sou insultada! Castiguei-o, e espero que a scena se não repita.

BARNABÉ

De te chamar encantadora?... Tambem me parece que o homem deve ter modificado a sua opinião a teu respeito... (*Á Sebastiana*) Que fazes tu ahi? a minha agua quente?

SEBASTIANA

Lá vou já, snr. Barnabé. (*Á parte*) Muito atolambada é esta menina! (*Sahe pelo fundo*).

SCENA IV

Barnabé, Itelvina, e depois Sebastiana

ITELVINA

(*depondo o chapeu e o chaile, vae sentar-se ao piano e canta*) Trai la ri, trai la ri, trai la ró.

BARNABÉ

Isso é um bota a baixo! Agora é o piano que leva a sua conta...

Digitized by Google

ITELVINA (*Cantando*)

«Na primavera da vida
«Ambos e dois muito amigos
«Suspiravam por um ninho,
«Por um ninho entre os trigos.»

BARNABÉ

Que é isso que tu cantas?

ITELVINA

Uma cançoneta moderna, que se chama: *Um ninho entre os trigos.* (*Canta*):

E de braço dado juntos
Ao repontar da manhan
Iam fazer o seu ninho
Nos trigos de Campanhan.

BARNABÉ

É mais natural que fôsse nas arvores... Os passaros em geral preferem...

ITELVINA

Mas não se trata de passaros. (*Canta*):

E depois elle cantava
Pousado nos ramos novos,
E ella aquecia, cantando
No seu ninho os caros ovos.

Digitized by Google

BARNABÉ

Ah! então não é de passaros que se trata? Lá me parecia que dois passaros de braço dado por Campanhan...

ITELVINA

É uma menina e um rapaz.

BARNABÉ

(*pegando na cançoneta com arremesso*). Basta! Deixa vêr. (*Lê alto as tres quadras que ella cantou*). E chama a isto um ninho o tratante do cançoneteiro! Quem diabo fez esta coisa?

ITELVINA

Foi um poeta inspirado. Dê-me cá a muzica, ande!

BARNABÉ

Empresto-t'a para a estudares, de tarde, quando eu estiver a dormir a sésta... (*A'parte*). Mandem lá ensinar piano ás raparigas n'uma terra em que os poetas inspirados dizem ás meninas que se fazem ninhos nos trigos de Campanhan!... e que se aquecem os ovos... O Porto está peor que o Mexico a respeito de ovos e de ninhos...

Digitized by Google

SEBASTIANA

(*entrando pelo fundo*). Ainda havia agua quente. Ella aqui está (*Dá-lhe a chocolateira*).

BARNABÉ

Bem, vou para o meu quarto (*Mudando de ideia*). Mas, se estiveres quieta... Um pae póde escanhoar-se na presença da filha (*Arranja os utensilios, e remeche o pincel na vasilha do sabonete*).

ITELVINA

(*a Sebastiana*) Veio carta para mim?... de Braga?

SEBASTIANA

Não, minha senhora, o carteiro passou ha muito. (*Sahe pela porta do fundo*)

ITELVINA

(comsigo mesma) E' espantoso! Ha trez dias que Macario foi para Braga, e nada de noticias! Se eu não tivesse inteira confiança no seu amor... Talvez uma catastrophe! Acontecem tantas desgraças nos caminhos de ferro!... *(Vae agitadameute para o pae que lhe voltou as costas e se está barbeando)* Meu pae! (*com intimativa*)

Digitized by Google

BARNABÉ

Que é? cuidado, que por pouco me não cortei... Que temos?

ITELVINA

Acha isto natural?

BARNARÉ

Natural, o quê?

ITELVINA

Trez dias de auzencia sem me escrever?

BARNABÉ

Ah! sim, o Macario? (*A' parte*) Bem me importa a mim isso... (*alto*) Se elle foi buscar os papeis a Braga, é preciso dar-lhe tempo. (*Torna a escanhoar-se*)

ITELVINA

(*passeando*) Dar-lhe tempo, dar-lhe tempo! Eu não exijo que elle volte; mas que me escreva; não se está assim trez dias... a fazer o quê?... que difficuldades encontrou?

BARNABÉ

Não andes assim n'esse passo que me incommodas. Fazes tremer o sobrado.

Digitized by Google

ITELVINA

O pae não sabe o que é amor!

BARNABÉ

Soube-o primeiro que tu, e dou-te a minha palavra que depois que a gente sabe o que isso é, e pensa a sangue frio... não vale um carocol o amor... Tu o saberás...

ITELVINA

Ha tres mezes que conheço Macario, e a toda a hora maldigo as formalidades portuguezas, e pergunto de que servem para a gente se casar, papeis, banhos, tabellião, padre, sacristão...

BARNABÉ

Ha pessoas que dispensam tudo isso... mas (*com energia*) fazem mal... fazem muito mal... Sem tabellião, e banhos, e padre e sacristão não ha honra.

ITELVINA

Finalmente, logo que Macario chegar com os papeis, não haverá impedimentos...

BARNABÉ

Isso lá de impedimentos... veremos.

Digitized by Google

ITELVINA

(*derrubando uma cadeira, e indo direita ao pae*) Haverá alguns? diga...

BARNABÉ

(*cortando-se*) Cá está um... vês tu?

ITELVINA

Um impedimento?

BARNABÉ

Um golpe de navalha... estou acutilado!

ITELVINA

(*estancando-lhe o sangue com o lenço*) Deixe vêr... Isto não é nada.

BARNABÉ

Arde-me... e bastante...

ITELVINA

Vae passar.

BARNABÉ

Falla-me, se queres, mas lá de longe... Eu só de longe é que ouço bem.

Digitized by Google

ITELVINA

(*afastando-se e levantando a cadeira*) Faço-lhe a vontade; mas o pae fallou de um impedimento... desejo conhecêl-o.

BARNABÉ

E' o meu consentimento.

ITELVINA

O seu consentimento?

BARNABÉ

Está claro; tu não pódes casar sem eu consentir... A lei é positiva.

ITELVINA

Que arrelia! Isso quer dizer que, se o pae não ama Macario, tambem eu não posso amál-o...

BARNABÉ

Lá tu amál-o pódes... mas não basta...

ITELVINA

Não posso casar com elle, se o pae o não amar?...

BARNABÉ

Não.

Digitized by Google

ITELVINA

As leis portuguezas dizem isso? Existem absurdos taes n'um povo livre?

BARNABÉ

(*limpando a navalha e pondo-a sobre o contador*) Tal e qual, minha filha. Ora agora, quanto a Macario...

ITELVINA

(*passando para a esquerda*) Meu pae, eu amo Macario!

BARNABÉ

Elle não tem chêta.

ITELVINA

Amo Macario!

BARNABÉ

Passa a vida nos bilhares e nas cervejarias.

ITELVINA

Mas eu amo-o.

BARNABÉ

Serás desgraçada com elle.

Digitized by Google

ITELVINA

Acabemos com isto. Amo Macario!

BARNABÉ

«Amo Macario, amo Macario!» Estás-me cantando o 1.º acto da *Favorita*. «Eu o amo, eu o amo!»

ITELVINA

Dá ou não dá o consentimento?

BARNABÉ

Não.

ITELVINA

Não? (*Pega da navalha*) O pae é implacavel, hein?

BARNABÉ

Que é o que ella tem na mão? Ceus! a minha navalha!

ITELVINA

(*caminhando e brandindo a navalha e o pae a seguil-a*) Trato de me evadir ás leis infames d'este paiz. Suicido-me.

BARNABÉ

Larga a navalha.

Digitized by Google

ITELVINA

Ultima vez: consente?

BARNABÉ

Consinto: casa com elle.

ITELVINA

(*largando a navalha e abraçando-o*) Obrigada, meu pae, obrigada!

BARNABÉ

Agora, asfixias-me... (*Passa para a direita, levanta a navalha e colloca-a sobre o contador*) Cruzes!

ITELVINA

Mas o silencio d'elle assusta-me, meu pae! Trez dias sem noticias! Vou escrever a Macario; e, se me não responder, amanhan parto para Braga. Se lhe tivesse acontecido algum revez! (*A Sebastiana, que entra pelo fundo*) Sebastiana, não estou em casa para ninguem, absolutamente para ninguem (*Entra pela direita*)

BARNABÉ

Sou o pae d'esta pombinha... E' um anjo... Se eu me vejo livre d'esta ardente creatura do Mexico... Sebastiana, dá-me o casaco e o chapéo.

Digitized by Google

SEBASTIANA

Sim, senhor. (*Sahe pela esquerda*)

BARNABÉ

(*só*) Deixál-a casar como Macario! O que eu quero, sobre tudo, é paz e socego... O casamento favorece os meus projectos... Fallaram-me d'uma quinta que se vende em S. Mamede de Infesta. O dono mora perto d'aqui; vou tratar com elle; e, se não fôr muito cara, o meu sonho d'esta noite realisa-se... O repuxo! Ah! o repuxo!

SEBASTIANA

(*entrando com o casaco e o chapeo*) Aqui estão as coisas.

BARNABÉ

(*despindo o rob-de-chambre*) Obrigado... Ajuda-me... (*Vestindo-se*) Irei viver sosinho em paz e socego.

SEBASTIANA

O senhor vem jantar?

BARNABÉ

Sim, mas ha de ser tarde. (*Sahe pelo fundo repetindo*) Em paz e socego...

Digitized by Google

SEBASTIANA

(*só*) Muito bom sujeito! (*arruma*); mas a filha... Ah! tenho pena do tal Macario, se casar com ella! Credo! se eu fôsse homem, e topasse uma creatura assim... ó senhores!... Emfim, isto de homens gostam assim das mulheres que puxem por elles... Mas esta ida a Braga... Quem sabe se o tal Macario... *an, an*... (*Toque fóra*) Quem sabe se é elle? (*Liborio entra pelo fundo*)

SCENA VI

Sebastiana e Liborio

SEBASTIANA

Ai! não é elle!

LIBORIO

Não é elle: sou eu.

SEBASTIANA

O senhor que quer?

LIBORIO

A snr.ª D. Itelvina Barnabé, uma mexicana de raça portugueza...

Digitized by Google

SEBASTIANA

E' aqui; mas... .

LIBORIO

Ella sahiu? E' o que eu quero. (*Assenta-se, e apresenta um aspecto risonho*) Vou-me ensaiar.

SEBASTIANA

Mas a senhora está em casa.

LIBORIO

(*erguendo-se de impeto, e tornando-se grave*) Recôlho o meu sorriso; n'esse caso vae dizer a tua ama...

SEBASTIANA

A senhora está a escrever, e prohibiu-me de a interromper.

LIBORIO

(*tornando-se a sentar risonho*) Muito bem... vou-me ensaiar.

SEBASTIANA

(*á parte*) A fallar a verdade, a menina é tão exquisita que, se eu a não aviso, é capaz de se escamar. (*alto*) O senhor como se chama?

LIBORIO

Como me chamo?

Digitized by Google

SEBASTIANA

Sim... vou avisar a senhora. Quem direi que a procura?

LIBORIO

Annuncia-lhe... um desgraçado! (*passa para a esquerda*).

SEBASTIANA

Um desgraçado?!

LIBORIO

Não... (*á parte*) Seria parlapatice de mais...

SEBASTIANA

Então que decide?

LIBORIO

A tua ama é nervosa?

SEBASTIANA

O senhor que diz? olha que pergunta!

LIBORIO

Deve ser nervosa... Olha bem para mim... Vês esta cara melancolica? vês? pois vae dizer á menina Itelvina que está aqui um sujeito com cara de quem chorou...

Digitized by Google

SEBASTIANA

Como? o senhor quer que eu diga...

LIBORIO

Não, outra coisa... espera...

SEBASTIANA

O senhor não pense que eu vou agora incommodar a menina para lhe fazer o seu retrato.

LIBORIO

Tens rasão; não a incommodes... Esperarei... convem-me esperar...

SEBASTIANA

(*á parte*) Tem grande têlha o homem!

LIBORIO

Como te chamas?

SEBASTIANA

Para que o quer saber?

LIBORIO

Para quê? E' para não estar a chamar-te creada; mas, tens rasão... Que me importa a

Digitized by Google

mim? Eu queria chamar-te Mariquinhas ou Theresinha... Que lindos olhos tu tens, e que cinta!... (*Cinge-a pela cintura*).

SEBASTIANA

Está bonita a chalaça!... foi para isto que veio cá?

LIBORIO

Não. Tu me impões o cumprimento de um dever. Obrigado, rapariga, obrigado!

SEBASTIANA

(*á parte*) Elle é doido; mas aparelha bem com a minha ama... Cá se avenham, que eu vou para a cosinha. *(Sahe pelo fundo, levando o rob-de-chambre de Barnabé, e os utensilios de barbear.)*

SCENA VII

Liborio

(só, arrumando á esquerda o chapeu e a bengala) Eis-me a braços, com a minha missão!... Aquelle diabo do Macario!... Acabou-se... Não ha remedio... Hontem á noite, entrei no café Lisbonense, e estava lá o Macario a apostar ao bilhar. Assim que me avistou,

Digitized by Google

veio direito a mim, e disse-me: «Liborio, és meu amigo?» Eu conhecia-o de ter estado com elle no collegio do Six, onde tinhamos rilhado de parceiros algumas raizes de latinidade. Respondi-lhe: «Sim, sou teu amigo para a vida e para a morte.» — «Para a morte? exclamou elle. E' o que eu exijo da tua amizade. Se me amas, vaes matar-me!» E em poucas palavras contou-me os seus amores com uma mexicana a quem promettera casamento. «Esta neta de Montezuma, disse elle, não pega como uma obreia—agarra-se á gente como colla forte: é um betume. Quer por força pregar comigo na egreja. Se eu não cazar com ella, mata-me; e eu prefiro antes morrer ás tuas mãos que ás d'ella.» Fallou-me então d'uma fantastica sahida para Braga, e encarregou-me da missão que venho cumprir... Confésso que não me encarregaria d'isto sem umas certas intençoens... O retrato que elle me fez d'essa Itelvina realisa os meus ideaes. Uma rapariga selvagem é ave rara no Porto!... Uma mulher que tem nas veias sangue dos Incas!... alto lá com ella! Está no meu gosto. Resolvi, por tanto, relacionar-me com a pequena; e, se me agradar, tratarei de lhe dar algum alivio, e passo a emprehender a conquista do Mexico. *(Olha para o lado direito)* Abre-se uma porta... é talvez a pequena... Agora é que são ellas... Firme!...

Digitized by Google

SCENA VIII

Liborio, Itelvina *(entrando pela direita)*

ITELVINA

(*com uma carta na mão*) Está feita a carta... já p'ro correio... (*avistando Liborio*) Um homem!...

LIBORIO

(*cumprimentando*) Minha senhora... (*á parte*) Fatia!... rica natureza!

ITELVINA

O senhor quem procura?

LIBORIO

A snr.ª D. Itelvina Barnabé.

ITELVINA

Sou eu.

LIBORIO

(*sorrindo*) Minha senhora... (*á parte*) trabalha-se bem no Mexico... (*alto*) Venho encarregado de lhe transmittir uma importante noticia...

Digitized by Google

ITELVINA

Noticia?

LIBORIO

(*á parte*) Circumspecção...

ITELVINA

Queira dizer (*apontando-lhe uma cadeira e senta-se*)

LIBORIO

(*pegando de uma cadeira do fundo á esquerda e sentando-se*) (*á parte*) Estou atrapalhado... (*alto*) Minha senhora, acabo de chegar de Braga.

ITELVINA

(*erguendo-se, e elle tambem*) De Braga?

LIBORIO

(*passando para a direita*) (*á parte*) Parece que o cavaco tem de ser de pé. (*Alto*)... Venho de Braga, onde estive com Macario...

ITELVINA

O senhor é amigo d'elle?

LIBORIO

Sim... isto é... sim... oh! certamente... amigo intimo...

Digitized by Google

ITELVINA

(*com vehemencia*) Por que não está elle aqui ao pé de mim como prometteu e jurou? Por que me não escreve? porque é? diga-me o senhor por que é?

LIBORIO

(*á parte*) Que bonita ella é zangada!

ITELVINA

O senhor não responde?

LIBORIO

Responderei. (*á parte*) Circumspecção! (*alto*) Macario ficou em Braga... e encarregou-me de communicar a V. Exc.ª as rasoens que o prendem lá.

ITELVINA

Mas acabe com isso... vamos direitos á questão... Nada de delongas...

LIBORIO

(*á parte*) Tambem não é feia na impaciencia!... (*alto*) Minha senhora, o imprevisto é o machinista da existencia... O acaso arranja

Digitized by Google

uns scenarios, umas tramoias que parecem de peça magica...

ITELVINA

Que mais?

LIBORIO

(*á parte*) Não vamos logo ás do cabo. (*alto*) Ah! minha senhora... ser joven, bello, amado de uma mulher... isso não é rasão para impedir que um máu destino... pelo contrario é peor...

ITELVINA

O' senhor! por piedade! Acabe...

LIBORIO

Macario disse a V. Ex.ª, creio eu, que ia a Braga buscar uns papeis...

ITELVINA

E mentiu-me?

LIBORIO

Quanto ao fim da viagem, mentiu. Ninguem hoje vae a Braga senão por dous motivos.

ITELVINA

Quaes?

Digitized by Google

LIBORIO

Ou se vae ao Bom Jesus vêr os judeus e comer frigideiras, ou terçar no campo da honra dois floretes, desde que os duelos no Porto, por muito repetidos, têm a policia n'uma constante vigilancia.

ITELVINA

Um duelo!?

LIBORIO

Um conflicto de honra...

ITELVINA

Elle foi bater-se? Ficou ferido?

LIBORIO

Minha senhora...

ITELVINA

Ligeiramente ferido, sim? quasi nada? Oh! diga-me que não é nada!

LIBORIO

Minha senhora... Macario... ah!... não posso... Se V. Ex.ª soubesse...

Digitized by Google

ITELVINA

O' ceus!... que foi?...

LIBORIO

(*á parte*) Chegou o momento.

ITELVINA

Macario?...

LIBORIO

Macario...

ITELVINA

Morto! (*Liborio está um momento silencioso; depois, ampara a cabeça com as mãos*).

ITELVINA

(*expedindo um enorme grito*) Ah!

LIBORIO

Minha senhora...

ITELVINA

Morto! assassinado... elle!... ah! (*Roda sobre si mesma duas vezes e vae desmaiar no canapé*).

Digitized by Google

LIBORIO

Hein! ella desmaia!... ora esta! Não a julgava capaz d'esta tolice! *(vae junto d'ella)* Menina... Acho que chamo alguem... Mas que historietas se vão arranjar com este caso!... Menina, peço-lhe que recupere os sentidos... Se eu a despertasse... Mas é preciso bolir-lhe nos colchetes... Não, não me atrevo a fazer tanto... O coração bate-lhe... Estou mais socegado... É gentil!... é mais que gentil, é formosa! Isto é bom a valer!... E aquelle parvo do Macario a desdenhar... Ella está ganhando côres... já lhe tremem as azas do nariz... e pestaneja. Volta á vida... Se eu me safasse agora... (*Vae a querer sahir e retrocede*) Não: já agora fico, succeda o que succeder.

ITELVINA

Onde estou?

LIBORIO

Menina...

ITELVINA

Quem me falla? quem é o senhor? (*encarando-o*) ah!

LIBORIO

Por quem é, socegue!

Digitized by Google

ITELVINA

Esta voz... esta cruel voz...

LIBORIO

Que é?

ITELVINA

Recordo-me... Macario, o meu noivo, a minha alma... ah! ah! ah! *(recahe sobre o canapé e chora).*

LIBORIO

(á parte).Palavra, que me mordem remorsos... Se eu previsse... Acabou-se... Vou-lhe dizer tudo... *(caminha para ella; mas reconsidera)* É demais atormentar assim esta mulher com mentiras... Diabo! como ella chora... *(avisinha-se)* Minha senhora, então, então...

ITELVINA

(erguendo-se energicamente, limpando as lagrimas, e passando para a direita) Basta de fraqueza! Nada mais de prantos! Um scelerado matou Macario... e eu aqui a carpir-me em vez de o vingar! *(Vae a Liborio)* O senhor foi testemunha do duelo?

LIBORIO

Sem duvida... isto é... sim... fui testemunha *(com dôr)* Fiz quanto podia; mas...

Digitized by Google

ITELVINA

Sabe qual foi a causa do duelo?

LIBORIO

A causa? ora, se sei... pois não sei?... (*á parte*) O' diabo!... (*alto*) pois não heide saber a causa? não sei eu outra coisa...

ITELVINA

Então diga lá qual foi?

LIBORIO

Uma questão de carambolas... A paixão do Macario... bem sabe... é o bilhar... Por causa de uma carambola...

ITELVINA

De uma carambola?

LIBORIO

Sim... o parceiro tinha descolado a bola.

ITELVINA

Está bem... não quero saber d'isso... Logo que o motivo não foi outra mulher, o resto não me importa. Como se chama o adversario?

Digitized by Google

LIBORIO

O adversario?

ITELVINA

O nome d'elle?

LIBORIO

Então quer que eu lh'o diga...

ITELVINA

O nome do assassino. *(Liborio hesita)* Vamos!

LIBORIO

Ah! sim o nome do assa... Ora espere... Mas é que eu fui padrinho do Macario... e não conheço o outro...

ITELVINA

Ora essa! um padrinho deve conhecer os dois.

LIBORIO

Tem razão; é natural que m'o dissessem; mas a commoção...

ITELVINA

(á parte) O homem está atrapalhadissimo! *(alto)* Mas o senhor quem é? como se chama?

Digitized by Google

LIBORIO

Liborio, minha senhora, Arthur Liborio; profissão, filho familia que devora a legitima paterna; mas tenho muitos tios ricos...

ITELVINA

Pois então, senhor Liborio, meu presado senhor Liborio, diga-me o nome...

LIBORIO

De quem?

ITELVINA

Do assassino de Macario.

LIBORIO

Palavra d'honra que não sei...

ITELVINA

O senhor mente!

LIBORIO

O' minha senhora...

ITELVINA

Não é possivel...

Digitized by Google

LIBORIO

Antes isso... que é menos indelicado...

ITELVINA

Está bom: eu saberei o nome. Onde foi que se bateram?

LIBORIO

Onde foi?

ITELVINA

Tambem não sabe?

LIBORIO

Não sei eu outra coisa! mas essas miudezas... (*á parte*) ella embrulha-me!

ITELVINA

(*á parte*) Outra vez atrapalhado!

LIBORIO

Foi n'uma carvalheira... A snr.ª D. Etelvina conhece Braga?

TELVINA

Nada.

Digitized by Google

LIBORIO

(*á parte*) Ainda bem! (*alto*) Braga tem a figura d'um enorme bacalhau da Noruega, e tem 3 portas. Nós sahimos pela estrada de Guimaraens. Foi ao pé da Falperra. Carregando á mão direita topa-se uma azenha, depois sobe-se um pedaço de monte, toma-se para a esquerda, e entra-se n'uma mata virgem... Foi ahi que se bateram.

ITELVINA

Não preciso mais nada. A que horas se sahe para Braga?

LIBORIO

Ha tres comboios a escolher.

ITELVINA

Iremos no primeiro.

LIBORIO

Iremos?!

ITELVINA

Duvída acompanhar-me?

LIBORIO

Eu?

Digitized by Google

ITELVINA

Ir mostrar-me a fatal mata virgem, e auxiliar-me nas minhas pesquizas até descobrir o assassino de Macario?

LIBORIO

Mas, minha senhora...

ITELVINA

Não vae?

LIBORIO

Irei; mas...

ITELVINA

Vou escrever a meu pae, preparar a malêta e vamos... (*vae para a direita*)

LIBORIO

Sosinhos?

ITELVINA

Com meu pae... Jura que me espera?

LIBORIO

Faça favor de reflectir... minha senhora...

ITELVINA

Jura?

Digitized by Google

LIBORIO

Sobre os manes de Macario! juro!

ITELVINA

Obrigada! venho já. Oh! sim! a Braga, no expresso! (*sahe velozmente pela direita*).

LIBORIO

(*só, cobrindo-se*) Toca a safar! E' uma canalhice faltar ao juramento... mas basta de asneiras... Onde está o meu chapeo? A rapariga é bonita, é adoravel; mas leval-a a Braga e mais o pae, e continuar esta tramoia absurda...—onde poria eu o chapeo?—que eu vim representar no seio d'esta familia (*Põe a mão na cabeça*) Cá está o chapeo... Por aqui me esgueiro... (*Vae a sahir pelo fundo, e encontra Barnabé que entra*).

SCENA IX

Barnabé e Liborio

BARNABÉ

(*vendo Liborio*) Olha o Liborio!... (*á parte*) que veio aqui fazer este typo?

LIBORIO

O meu parceiro do quino!...

Digitized by Google

BARNABÉ

O grande pandego por aqui?

LIBORIO

(*á parte*) E eu que ainda hontem estive a jogar com elle... Isto vae transtornar a patranha...

BARNABÉ

Então que feliz acaso o trouxe aqui a minha casa?

LIBORIO

A sua caza?... E' celebre coisa! Eu não sabia que o amigo Barnabé era o pae da menina... Muito gôsto em o conhecer...

BARNABÉ

Ainda me não explicou o mais importante.

LIBORIO

Acabo de ter o prazer de communicar a sua filha uma tristissima noticia...

BARNABÉ

Sim? então que foi?

Digitized by Google

LIBORIO

(*querendo sahir*) Não... Já bastará... dispenso o *bis*... Ella cá lh'o contará...

BARNABÉ

(*sustendo-o*) Snr. Liborio, eu sou pae... ouviu?

LIBORIO

(*á parte*) A pequena é encantadora, e não será máo sondar o pae... (*alto*) O senhor conhece o Macario?

BARNABÉ

Muito... de mais.

LIBORIO

Vim annunciar-lhe que elle morreu.

BARNABÉ

(*com jubilo*) Que me diz?

LIBORIO

(*admirado*) Gosta?

BARNABÉ

(*reconsiderando-se*) Não... pobre moço... Sem duvida, deploro esse caso palpitante! mas em fim (*alegremente*) faz-me conta.

Digitized by Google

LIBORIO

Sim? Faz-lhe conta?

BARNABÉ

E' o que eu lhe digo. Elle ia casar com a pequena... Consenti com muito custo. Não gostava do homem, eu; e persuado-me que minha filha se daria mal com elle. Por tanto, como individuo, lamento-o; como pae, exulto.

LIBORIO

(*á parte*) Isto vae bem, vae bem... mas então é inutil que eu o convença de que... (*alto*) Snr. Barnabé... (*Leva-o para a esquerda*) *Psiu*... Macario está de perfeita saude.

BARNABÉ

O Macario que morreu?

LIBORIO

Não é isso... não morreu...

BARNABÉ

Isso máo é!...

LIBORIO

Ahi vae o inigma em duas palavras. Macario fez á sua filha juramentos que não quer cumprir, percebe?

Digitized by Google

BARNABÉ

Diga o resto.

LIBORIO

E para fugir á vingança, pediu-me que viesse dar parte da sua morte.

BARNABÉ

E' um caso bonito e extraordinario, esse...

LIBORIO

Eu fiz um relatorio em regra... um duelo em Braga, etc., etc., etc.

BARNABÉ

Ella havia de fazer ahi o diabo!... Ella não lhe bateu, hein?

LIBORIO

Não; mas soluçou, desmaiou, escabujou... Oh! soberba creatura na sua angustia!

BARNABÉ

Está alli uma linda viuva, não acha?

LIBORIO

A final quer que eu vá com ella a Braga.

Digitized by Google

BARNABÉ

O senhor?

LIBORIO

Eu e mais o senhor. Quer que vamos os trez.

BARNABÉ

Então desconfia da pêta?

LIBORIO

Não, senhor. Quer ir vingar a morte do noivo.

BARNABÉ

Toma!

LIBORIO

E exige que eu lhe diga o nome do assassino; e como até esta data o unico assassino de Macario sou eu...

SCENA X

Os mesmos e Itelvina, *que vinha entrando pela direita, e, ao ouvir a ultima phrase, se esconde.*

ITELVINA

(*á parte*) Que disse elle?

Digitized by Google

LIBORIO

Agora, já o meu amigo entende a minha atrapalhação...

ITELVINA

(*á parte*) A sua atrapalhação!...

BARNABÉ

Porque lhe não disse um nome qualquer?

LIBORIO

Não me occorreu essa idéa...

ITELVINA

(*á parte*) Que mysterio é este?

LIBORIO

Já vê em que entalas eu me acho... A cada instante, quasi que me estendia... Que colicas eu rapei! Eu não queria de modo algum que ella soubesse que...

ITELVINA

(*á parte*) Que horrorres eu estou adivinhando!

BARNABÉ

Soubesse o quê?

Digitized by Google

LIBORIO

Jogo franco. Macario fallou-me de sua filha n'uns termos que espicassaram a minha curiosidade...

BARNABÉ

Com effeito... espicassaram-no os termos...

LIBORIO

Meu amigo, sympathiso com esta menina original...

ITELVINA

(*á parte*) Hein?

LIBORIO

E' o que lhe digo... Amo as plantas exoticas... Gosto d'estes licores capitosos de fabrica estrangeira, e regeito os charopes amelaçados da fabrica nacional.

BARNABÉ

Em summa, o senhor gosta de minha filha...

LIBORIO

Deveras.

ITELVINA

(*á parte*) Elle ama-me!... que horror!

Digitized by Google

BARNABÉ

Querido Liborio! (*á parte*) Elle é rico... (*alto*) O seu pedido faz-me muita honra... mas...

LIBORIO

Recusa?

BARNABÉ

Acceito. (*Dão-se as mãos*).

ITELVINA

(*á parte*) Que revelação!

BARNABÉ

Mas o essencial é conquistar a vontade d'ella... Uma feliz lembrança! vamos partir todos para Braga...

LIBORIO

Parece-lhe?...

BARNABÉ

(*gracejando*) O senhor não se arrisca a encontrar o assassino de Macario, pois não?

LIBORIO

(*rindo*) E' muito provavel que não...

Digitized by Google

BARNABÉ

Vocês viajam juntos; e em quanto finge que faz indagações, vae lhe fazendo a côrte.

LIBORIO

E' isso, perfeitamente.

BARNABÉ

Eu vou tambem... bem me custa; mas em fim não ha conveniencias a guardar quando se trata do futuro de uma filha.

LIBORIO

Mil graças, snr. Barnabé.

BARNABÉ

Venha commigo ao meu quarto, e ajuda-me a fazer a mala.

LIBORIO

Com muito prazer! Estou contentissimo!

BARNABÉ

E então eu! Vi-me livre do Macario! Que bem fez o senhor em matar esse bigorrilha! (*Entram pela esquerda*)

Digitized by Google

SCENA XI

Itelvina

(*só*) Elle! foi elle o assassino de Macario! E meu pae sabia-o! e ambos elles querem que eu caze!... Mas que paiz é este... este Portugal... este mundo onde o assassino cubiça a noiva da victima! E pude conter-me! E não avancei para elle como uma leôa, como a pantera ferida! Oh! mas elle torna, e então... Não, não é com um golpe de punhal que elle hade morrer! Para crimes monstruosos é necessario vinganças excepcionaes! Hade morrer não a golpes de punhal, mas a picadellas de alfinete! Elle ama-me!... ama-me!... quer esposar-me!... por que não? por que não? Pois não é justo que o seu nome e a sua honra me pertençam? (*ironica*) Ah! com que jubilo eu não proferirei deante do sacerdote, o ditoso *sim*, a doce renuncia de mim toda! Nunca uma noiva apaixonada, mais ternamente, nunca uma solteirona de 35 annos terá proferido esse *sim* com maior exultação! Ah! parece-me que me estou vendo e ouvindo quando o padre me disser: «Recebe como esposo o snr. Liborio? e eu com a coroa de virgem na fronte e a raiva no coração e a injuria nos labios e os olhos em terra, responderei «sim,

Digitized by Google

sim, sim!» O' meu Macario, conta com uma vingança desconhecida na Europa! uma vingança mexicana! Ah! lá da mansão coleste, tua derradeira morada, ver-me-has com ufania!... Vem gente... é elle!... Cala-te, meu coração!... Sorride meus labios! Silencio, minhas saudades! E' forçoso! é forçoso!... (*Senta-se junto ao piano*).

SCENA XII

Liborio, Barnabé, Itelvina

BARNABÉ

(*fóra*) Confio-lh'a; mas não lhe dê grandes abalos. (*Entra pela esquerda com Liborio*).

LIBORIO

(*com uma grande mala*) Peza que tem diabo!

BARNABÉ

Peza, peza... Obrigado... Eu é que já não posso com isso.

LIBORIO

(*vendo Itelvina, baixo a Barnabé*) Cá está ella... A'lerta!

Digitized by Google

BARNABÉ

Justo... Façamos caras dolorosas. (*Avança e pára*) Cuidei que ella estava arranjando as malas...

LIBORIO

(*baixo*) Está a pensar n'elle...

BARNABÉ

(*aproximando-se em tom maguado*) Itelvina, Itel...

ITELVINA

Quem me chama?

BARNABÉ

Ninguem... isto é, sou eu, teu pae. (*Aponta para Liborio e faz com que ella o veja com a mala*). Estamos promptos para partir...

ITELVINA

(*como se não entendesse*) Partir não entendo...

BARNABÉ

Não entendes? boa!... O snr. Liborio contou-me...

ITELVINA

Então já sabe?

Digitized by Google

BARNABÉ

Sim, sei. Que se lhe ha de fazer? A Parca é inflexivel!

ITELVINA

E o papá tem grande pena, não tem?

BARNABÉ

E que pena! aqui tens a prova... ali está a mala... Resigno-me a ir a Braga, auxiliar-te nas tuas indagaçoens.

ITELVINA

Quaes indagaçoens?

BARNABÉ

Então nós não vamos procurar o assassino de...

ITELVINA

(*erguendo-se de golpe*) O assassino de Macario?... (*Avança para Liborio, que sustenta sempre a mala, e recua deante do olhar d'ella*) O senhor que tem? que tem o snr. Liborio?

LIBORIO

Eu?... nada...

ITELVINA

Pensei que estava atarantado...

Digitized by Google

LIBORIO

Um pouco, com esta mala...

ITELVINA

(*á parte*) O remorso estrangula-o!... (*alto*) O senhor era amigo d'elle, não era? muito amigo d'elle, pois não?

BARNABÉ

Está bom, está bom... tem muito tempo de conversar na jornada...

ITELVINA

Qual jornada?

BARNABÉ

Pois nós não vamos a Braga?

ITELVINA

Fazer o què?

BARNABÉ

Mas o snr. Liborio não me disse que tu...

ITELVINA

Ah! sim... no primeiro momento, queria... pensava mas mudei de tenção... Não vamos.

Digitized by Google

LIBORIO

(*deixando cahir a mala*) Hein?

BARNABÉ

Boa vae ella!

ITELVINA

De que serve procurar esse feliz contendor... O duelo é um jogo d'azar... e a minha vingança não se submette ao acaso... (*Passa para a direita*)

BARNABÉ

Apoiada! tens muita rasão! isso é que é ter juiso! (*A Liborio*) Está applacada!... Bravo!

LIBORIO

(*á parte*) E' o arco da velha a annunciar trovoada.

SCENA XIII

Os mesmos e Sebastiana

SEBASTIANA

(*entrando pelo fundo*) Está o almôço na meza.

ITELVINA

Põe mais um talher.

Digitized by Google

BARNABÉ

Trez talheres?

ITELVINA

Pois então, meu pae! não ha nada mais natural... O snr. Liborio, que chegou de Braga, e que veio prestar-nos um serviço, não duvidará acceitar...

LIBORIO

Eu... mas... (*á parte*) Bem disse eu que era o arco da velha... (*alto*) com muito prazer.

ITELVINA

O seu braço, snr. Liborio. (*Liborio offerece-lh'o e sobem*).

SEBASTIANA

(*á parte*) Este será tambem um noivo?

BARNABÉ

(*á parte*) Que mudança ella fez!

ITELVINA

(*para o pae*) (*Parando á porta do fundo*) Então, meu pae? Vem? está a pensar no Macario, ou no assassino de Macario? Vamos almoçar. (*Sahem*).

Digitized by Google

BARNABÉ

(*pensativo*) Máo! máo! Bem dizia o Liborio... O arco da velha vae dar muita chuva... (*Segue-os*).

FIM DO 1.º ACTO

Digitized by Google

ACTO SEGUNDO

Quarto de dormir. Ao fundo, um leito cujos cortinados, pendentes de um docel, estão meio-cerrados. Um pouco áquem uma porta que abre para um gabinete de *toilette*. A' direita, no primeiro plano, uma janella fechada com cortinas e *store*. No fundo, á direita do leito, a porta da entrada. A' direita, no 3.º plano, uma porta de communicação para o quarto de Itelvina. Á direita, na frente, uma meza. A' esquerda uma jardineira sobre a qual está uma caixa de charutos, phosphoros, e um barrete de veludo. Ao pé da jardineira, sobre uma cadeira, uma camizola. Á direita, uma cadeira de estofo sobre a qual estão as calças de Liborio. Ao pé uma bota e um chinelo. Á cabeceira do leito, uma bispoteira. Cadeiras de estofo, quadros, etc. Uma lanterna de de furta-fogo sobre a jardineira.

SCENA I

Itelvina, *(só)* **Liborio,** *(no leito meio occulto)*

(Ao correr do panno, a scena está alumiada pela lanterna, deixando na penumbra o leito. Quando corre o panno, Itelvina, erguida ao fundo sobre uma cadeira, pendura uma das botas de Liborio n'um painel; depois desce, pega da lan-

Digitized by Google

terna, examina a bota, e diz:) Bem... está como se quer... d'um bello effeito! Mas, se elle não visse... Ah! tenho aqui linha... (*Põe a lanterna sobre a meza, e sacando da algibeira um novello de linha torna a subir á cadeira, prende a extremidade da linha á bota; e descendo, traça com o fio no taboado uma linha que vae até á meza sobre a qual põe o novello; ahi pega d'um bocado de gis, senta-se e escreve sobre a meza, fallando em voz alta.*) «Seguir o fio». (*Ergue-se, e vae ao pé do leito*). Acordaria elle?... não. (*Ouve-se resonar ao fundo*) Elle resona, o miseravel resona! Condemnei-o a passar as oito primeiras noites de casado em uma completa solidão, e elle resona indifferente á minha auzencia! Antes assim!... Hoje entramos na nova crize, a crize das pequenas mizerias, as picadellas dos alfinetes antes das punhaladas... Vejamos se me lembrou tudo. (*Senta-se á meza, e lê em uma carteira á luz da lanterna*). «Despregar por tres lados os cortinados do leito para que lhe cáiam sobre o nariz.» Isso está feito e bem me custou.... (*Lendo:*) «Furar os charutos». Já furei. «Polvilhar de pimenta o bonnet.» Já tem. «Coser os lenços ás algibeiras». Estão cosidos. «Esconder um dos chinelos e uma das botas; adiantar a pendula e atrazar o relogio; deixar-lhe só um tostão no porte-monnaie, e cortar os elasticos dos suspensorios». Está tudo feito. (*Len-*

Digitized by Google

do:) Acordal-o de sobresalto para lhe causar um grande estonteamento». E' o que se vae fazer. (*Ergue-se e dirige-se com a lanterna para a porta da direita*). Ah! Liborio, assassino de Macario, o céo é justo, e a hora da vingança soou! (*Proferindo esta phrase, tira da algibeira uma pistola; dita a ultima palavra, dá um tiro e sahe fechando sobre si a porta. Completa escuridão.*)

SCENA II

Liborio

(*só*) Ui! isto que foi? Que é isto? (*Espreita por entre as cortinas*). Entre quem é! Quem está ahi? Não é ninguem... quem foi que me acordou? Parece que ouvi um tiro ou um espirro enorme, não sei bem o que foi... Estaria eu a sonhar? Ninguem aqui vem espirrar de noite no meu quarto, e mais sou casado, casado ha oito dias! Tudo está em repouso, excepto a minha imaginação. Isto que horas serão? As cortinas estão fechadas... não se vê boia... escuro como um prego... Felizmente o meu relogio é de repetição (*Toca na mola do relogio pendurado no espaldar do leito, e ouve 4 horas*). Quatro horas! ainda quatro horas! Ah! as noites solitarias!... como são eternas! Vamos vêr se se adormece... (*Deita-se, a pendula dá horas,*

Digitized by Google

e elle conta-as em voz alta, erguendo a cabeça a cada nova pancada). Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez... Dez horas! Como dez horas! E o meu relogio que só dá quatro... (*Assenta-se na cama*) E são ambos do mesmo relojoeiro! Mas, se já fôssem dez horas, eu devia estar a pé. Principiemos por abrir os cortinados. (*Puxa pelas cortinas que cahem e o embrulham*) Que é isto, com dez raios de diabos... Larguem-me, larguem-me!... Larguem-me o quê?! Grande besta que eu sou! Ninguem me prende... são os cortinados que eu agarro... que me agarram a mim. (*Ao desembaraçar-se das cortinas cahe da cama ao chão*) Que trapalhada é esta! o dia principia mal... Vou correr as cortinas e os stores. Não gosto da escuridão. (*Abre: é dia claro*) É dia claro! A pendula tinha rasão. Toca a vestir depressa. (*Pega das calças e vae vestil-as atraz do fauteuil; calça um chinelo e procura o outro*) Onde estará o outro sapato? Não me apparece senão este... Parece-me obra do diabo isto! Vou calçar as botas. (*Depois de calçar uma*) Onde está a outra? Como é isto de achar só um chinelo e uma bota? Seria a Sebastiana? Ella ficou de me chamar ás nove horas, e entraria sem eu dar fé... mas para que fim me levaria só uma bota? (*Trata de cruzar um suspensorio que quebra*) Irra! agora são os suspensorios! (*Aperta o outro, enraivado*) Que inferno este! (*Quebra o outro*) Lá vão am-

Digitized by Google

LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

Digitized by Google

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O ASSASSINO DE MACARIO

869.8
C348
ar
1903

COMEDIA EM TRES ACTOS

VERSÃO LIVRE

te coordenada para a festa artistica do ACTOR DIAS

2.ª EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello

Digitized by Google

bos! (*Atira-os ao chão*) A fivela estará direita? está... segura-se... Valha-nos isso. (*Procurando*) O meu bonet? Está acolá... (*cobre-se*) A camisola? está aqui... (*veste-a*). Agora, vou procurar... (*suspende-se*) Mas se ainda é cedo... (*espirra*) que raio de cheiro a pimenta! Se a Sebastiana tivesse vindo, acordava-me como eu lhe ordenei... Não serão ainda nove horas? Receio de ir acordar... Vou fumar um charuto. (*Pega de um charuto e phosphoro*) O fumar de manhan aclara-me as ideas. Santo Deus, como é incommodo passear com uma bota e um chinelo! (*Assenta-se á esquerda do gueridon*) Em quanto Sebastiana não vem, recapitulemos os meus infortunios fumando um delicioso havano... (*espirra*) Que é o que cheira aqui tanto a pimenta? (*Pretende accender o charuto*) Era meia noite. Itelvina pertencia-me ao cabo de trez mezes de scenas exquisitas; ella tinha proferido, de manhan, com uma voz energica o *sim* encantador que me dava sobre ella direitos senhoriaes absolutos. Dançava-se no salão amarello, e havia uma hora que eu amaldiçoava os relogios (*Não podendo accender o charuto atira-o ao fogão e vae buscar outro*) que me pareciam todos parados. Annunciára-se finalmente a ultima quadrilha, os dançantes começavam a cancanizar-se um pouquito... (*espirra*) D'onde virá este cheiro a pimenta? Minha mulher dançava com o tabellião, e parecia muito emo-

Digitized by Google

cionada... Eu attribuia a mim esta emoção que o tabellião não justificava de modo nenhum... Em fim, sôa a meia noute. (*Ergue-se*). Ouve-se um grito agudissimo... Corro e exclamo... (*Atira fóra o segundo charuto*) Que é o que tem estes charutos? (*Pega n'um terceiro*)... e exclamo: Céos! minha mulher! Itelvina estava desmaiada. Tinha torcido um pé quando polkava com o tabellião; e eis-me aqui, á meia noute, a primeira das minhas nupcias, á procura d'um indireita.». A final, topo um; e cuidando que á meia hora depois da meia noite, tinha direito a examinar o estorcegão do pé da minha esposa, entro com a faculdade algebrista até ao seu leito de dôr. (*Accende o terceiro charuto*) Baldada esperança! Nega-se-me obstinadamente este primeiro favor, e sou obrigado a esperar n'um quarto proximo, com o papá Barnabé, a sahida do doutor que, depois de um quarto d'hora de angustias, veio em fim declarar-nos que uma forte distensão dos ligamentos, uma contracção terrivel da articulação, reteriam minha mulher quinze dias de cama; e com effeito, depois... T'arrenego, diabo! este charuto está rôto! E os outros? (*Examina a caixa*) Estão todos estripados! (*espirra*) Com toda a certeza, tenho pimenta nas ventas! (*Tira o bonnet*) Ah! aqui está a pimenteira! E' possivel!... como é isto? Sebastiana mette a pimenta no meu bonnet... (*atira-o fóra*) para o

Digitized by Google

preservar do bicho... hade ser isso, mas ella é idiota!... (*espirra*) Que é do meu lenço? Está cosido! Cozeram-me o lenço á algibeira, como aos rapasinhos de escola... Ah! isto é um cumulo! (*Puxa por um cordão de campainha proximo á cheminé*) Não me importa acordar toda a gente! (*sacode a campainha*).

SEBASTIANA

(*fóra*) Lá vae, lá vae, senhor!

LIBORIO

Vamos a esclarecer isto tudo...

BARNABÉ

(*fóra*) Que banzé é este?

LIBORIO

O sôgro... sôgro de mão cheia... (*gesto ironico. Barnabé e Sebastiana entram pelo fundo*).

SCENA III

Sebastiana, Liborio, Barnabé

SEBASTIANA

O senhor está doente?

BARNABÉ

Será preciso chamar os bombeiros?

Digitized by Google

LIBORIO

(*a Sebastiana*) Vem cá... e responde.

SEBASTIANA

Quem, eu?

BARNABÉ

Que tem o meu genro?

LIBORIO

Passados cinco minutos, tem-me ás suas ordens. (*a Sebastiana*) Vem cá... Que horas são?

BARNABÉ

Então foi para saber que horas eram...

LIBORIO

Snr. Barnabé, não é comsigo que eu fallo. (*a Sebastiana*) Quantas horas são?

SEBASTIANA

Oito e meia, senhor.

LIBORIO

Por que é então que o meu relogio tem quatro e a pendula dá dez e meia?

Digitized by Google

SEBASTIANA

Eu sei cá! pergunte-o ao relojoeiro.

BARNABÉ

Ella tem rasão; o seu officio não é esse. Ella de pendulas não percebe nada.

LIBORIO

Espera um pouco. (*a Sebastiana*) Por que metteste pimenta no meu bonnet?

SEBASTIANA

Eu?! que metti eu?

BARNABÉ

Sim... isso lá da pimenta é com ella... Responde sobre a pimenta, rapariga!

LIBORIO

Por que furaste os meus charutos?

SEBASTIANA

Eu furei os seus charutos!...

BARNABÉ

Ella furou os charutos?... Tu furaste... (*a Sebastiana*)

Digitized by Google

LIBORIO

Por que me coseste os lenços ás algibeiras?

SEBASTIANA

Olha que espiga!

BARNABÉ

Pois tu coses os lenços?...

SEBASTIANA

Isso é falso, senhor!...

LIBORIO

(*mostrando*) Estão cosidos ou não estão cosidos?

SEBASTIANA

Eu cá não fui.

LIBORIO

E os cortinados do leito... e os chinelos que deviam estar aos pés da cama...

BARNABÉ

Nos seus pés, quer dizer o meu genro.

LIBORIO

Meu sogro, queira amordaçar o seu espi-

Digitized by Google

rito que me está arreliando. (*a Sebastiana*) Em fim, responde, explica-te.

SEBASTIANA

Não percebo patavina.

BARNABÉ

E dois.

LIBORIO

Não percebem que se está aqui representando uma magica de pessimo gosto... uma diabrura de auctores anonymos...

BARNABÉ

Não está má essa! O senhor disfructa-nos!

SABASTIANA

E' lá possivel a diabrura! cruzes, canhoto!

LIBORIO

Desde esta manhan estou sendo uma almofada em que mão desconhecida espeta alfinetes... Notem isto... Aqui está uma bota. Pergunto eu: onde está a outra? Aqui está um chinelo; e o outro onde está?

Digitized by Google

SEBASTIANA

(*procurando*) Eu procuro... (*Aproxima-se da meza e vendo o que está escripto*) Esperem lá!... (*Lendo*) «Seguir-o fio.»

LIBORIO

(*approximando-se*) Seguir o fio?!

BARNABÉ

(*o mesmo*) Então sigamos o fio. (*Seguem os tres o fio da linha. Sebastiana á frente vae innovelando o fio. Barnabé atraz*) Onde vae isto parar? (*Vão indo até chegar á parede*) A linha aqui, trepa! (*Levantam as cabeças*).

SEBASTIANA

(*vendo a bota*) olha!

BABNABÉ

E' ella!

LIBORIO

A minha bota!

BARNABÉ

A sua bota!

SEBASTIANA

É verdade, a bota!

Digitized by Google

LIBORIO

(*passando para a direita*) Quem a pendurou acolá?

SEBASTIANA

(*tirando a bota para baixo*) Eu não fui.

BARNABÉ

Menos eu.

LIBORIO

Por consequencia...

SEBASTIANA

O snr. Liborio tem estado a mangar comnosco... Isto é uma chalaça... não ha que vêr...

LIBORIO

Hein?

BARNABÉ

(*rindo*) O meu genro hade ser sempre um pandego...

SEBASTIANA

Quiz-nos impingir esta comedia.

LIBORIO

Irra! Foste tu; olha que te ponho no olho da rua!...

Digitized by Google

SEBASTIANA

Oh senhor!...

BARNABÉ

Como imagina o senhor que esta rapariga...

LIBORIO

Se não foi ella... foi o senhor.

BARNABÉ

Meu genro!... ousar desconfiar que um antigo negociante...

LIBORIO

Tem razão... seria espirito de mais para um antigo negociante... Mas o certo é que nós aqui não sômos senão trez. Minha mulher não póde ser, porque está de cama com um pé torcido.

BARNABÉ

A respeito d'isso, parece que ella está melhor do pé... O senhor sabe que ella está melhor do pé...

LIBORIO

Como eu que sei?

Digitized by Google

BARNABÉ

Eu ouvi o meu genro esta noite abrir a porta do quarto d'ella.

LIBORIO

Eu?

BARNABÉ

E que balburdia o senhor fez!...

LIBORIO

Eu?

BARNABÉ

Se não receasse ser indiscreto, vinha cá abaixo.

LIBORIO

O senhor está doudo! Eu não sahi d'aqui!

BARNABÉ

Ora, deixe-se d'isso...

SEBASTIANA

(*reflectindo*) Achei o que é... Já sei...

LIBORIO

(*vivamente*) Achaste quem é que manga comigo?

Digitized by Google

SEBASTIANA

E' o senhor mesmo.

LIBORIO

Eu?

BARNABÉ

Elle? dize lá...

SEBASTIANA

(*a Barnabé*) Eu tive um primo que fazia o mesmo... levantava-se de noite...

BARNABÉ

Um somnambulo! Ella tem razão... O snr. Liborio é somnambulo.

SEBASTIANA

É isso, é isso, somnambulo...

LIBORIO

Eu somnambulo!... está bem!... fico sciente!...

SEBASTIANA

E' que o senhor não se lembra do que fez. Uma noite, meu primo, entrou pelo meu quar-

Digitized by Google

to dentro, e abraçou-me; e eu como sabia que é um perigo acordar os somnambulos, nada lhe disse, e elle ao outro dia não se lembrava de nada.

LIBO RIO

E' lá possivel que fôsse eu!...

BARNABÉ

Então quem havia de ser?

LIBORIO

E' assim... é—está tudo bem explicado... mas será dificil fazer-me crer que eu a dormir rompesse os meus charutos, que deitasse pimenta no meu bonnet e cozesse os meus lenços.

BARNABÉ

Aqui estou eu que fui somnambulo quando era pequeno, e escrevia os traslados a dormir...

LIBORIO

(á parte) Estou inquieto... *(Alto)* Meu sôgro, e tambem tu, Sebastiana, peço-lhes que não digam nada do acontecido a minha mulher.

Digitized by Google

SEBASTIANA

Eu cá por mim...

BARNABÉ

Fique na certeza...

LIBORIO

(*scismando*) De mais a mais, eu não sei cozer... Como é possivel que eu soubesse cozer a dormir?...

SEBASTIANA

O' meu senhor, o meu primo só sabia abraçar-me quando estava a dormir... Chama-se a isso vista dobrada.

LIBORIO

(*á parte*) Este caso faz-me desconfiar...

SCENA IV

Os mesmos e Itelvina

ITELVINA

(*fóra*) Quem me acode, quem me acode!

BARNABÉ

Minha filha!

Digitized by Google

SEBASTIANA

Senhora!... (*Todos se dirigem para a porta da direita que se abre para dar passagem a Itelvina que entra em toilette de noute com a perna direita ligada encostando-se á parede*).

ITELVINA

Socorram-me... uma cadeira... amparem-me... (*Liborio e Bernabé pegam em Itelvina em quanto Sebastiana puxa a cadeira para a centro da scena*).

BARNABÉ

Pois tu ergueste-te?

LIBORIO

Então isso como vae? melhorzinha?

ITELVINA

Pelo contrario... cada vez peor.

LIBORIO

Era melhor ter tocado a campainha.

ITELVINA

(*deixando-se cahir no fauteuil*) Ai! devagar, devagar... Sebastiana, um banquinho...

Digitized by Google

LIBORIO

(*chegando-lh'o*) Aqui está... venha uma almofada... (*Sebastiana traz a travesseirinha que elle colloca sobre o banquinho; depois quer pegar na perna da mulher*) Com licença...

ITELVINA

Não lhe toque... Ai! a menor pressão... (*pondo a perna sobre o banco*) Ai!... como eu estou!... (*Sebastiana tem passado para a direita*).

BARNABÉ

Para que te ergueste tu?

ITELVINA

Eu estava melhor... quiz experimentar... E, depois que me levantei, achei-me tão boa, que pensei poder vir até cá; mas receio bem ter aggravado o mal...

LIBORIO

(*á parte*) Vamos bem!... o casamento está para demora... O meu matrimonio está pendente d'um pé desnocado... Se isto não fôr pé de cantiga, fico toda vida a fazer pé de alferes a minha mulher coixa.

Digitized by Google

BARNABÉ

(*que tem estado a conversar com a filha*) Fizeste muito mal em te levantares... Eu não posso demorar-me por que tenho de fallar com o José Francisco Braga que me quer ceder a quinta da Carriça... E, como não pude arranjar a de S. Mamede de Infesta, vou-me lá.

ITELVINA

Então o pae quer deixar-nos? Muda de casa?

LIBORIO

O' meu sôgro!... (*á parte*) Não seria máo...

BARNABÉ

Sôgro... precisamente... um sôgro entre uns casados que se adoram, é incommodo... é emprasador...

ITELVINA

Ora...

LIBORIO

Ora... (*á parte*) Diz muito bem...

BARNABÉ

E, n'esse caso, resolvi... com muito pezar... com muita saudade... ir viver sósi-

Digitized by Google

nho... o que me hade custar muito... na aldeia... E' um sacrificio... vou victimar-me á felicidade dos meus filhos... E além d'isso, está no meu gosto... a meditação... divagar solitario no seio da natureza...

ITELVINA

Então não o demoramos, meu pae; mas esperamo'l-o para o almoço.

BARNABÉ

Não será possivel... Tenciono almoçar no botequim... Não gosto de almoçar de garfo; prefiro o meu café com leite, uma torrada, e o *Primeiro de Janeiro* que é tudo leve.

ITELVINA

Plena liberdade...

BARNABÉ

Liberdade... liberdade...! E, se tu agora peorasses...

ITELVINA

Não... eu sinto-me melhor... Sebastiana ficará ao pé de mim, e se fôr preciso, o Liborio vae chamar o medico.

Digitized by Google

BARNABÉ

E eu não me demorarei muito tempo... Se o José Francisco lá estiver, antes do meio dia volto a casa... Vou tratar depressa este negocio... Então é verdade que estás melhorsinha?

ITELVINA

Sim... n'este momento quasi que não soffro.

BARNABÉ

Então vou acabar com isto... Meu genro, aqui lh'a entrego...

LIBORIO

Vá descançado, meu sôgro.

BARNABÉ

(*abraçando Itelvina*) Até logo, minha Lili... Vou-me já safando, por que, se fôsses a peor, teria de ficar, e fazia-me desarranjo. (*Sahe pelo fundo*).

LIBORIO

(*acompanhando-o*) Arrange lá os seus negocios e não se apresse...

Digitized by Google

SCENA V

Itelvina, Sebastiana e Liborio

ITELVINA

(*á parte*) Vou em fim saber o resultado das minhas primeiras picadellas de alfinete.

LIBORIO

(*voltando de bom rosto para junto de sua mulher*) A senhora aqui... na minha alcôva... Que surpreza!

ITELVINA

Ora esta! O senhor traz uma bota e um chinelo?!

LIBORIO

Foi a Sebastiana que...

SABASTIANA

Eu? E elle a dar-lhe...

LIBORIO

Ou eu... É muito possivel que fôsse eu... Eu tenho padecido tanto depois do nosso casamento... que posso estar doudo... (*Ergue-se*).

Digitized by Google

ITELVINA

(*á parte*) É possivel que elle se persuada...

SEBASTIANA

(*ao pé do leito*) Ora esta! as cortinas estão rasgadas! quer vêr?

LIBORIO

É isso, é isso; fui eu... Quando me erguia, puxei pelos cortinados, e *zás!*... é preciso chamar o estofador.

ITELVINA

(*á parte*) Está persuadido que foi elle...

LIBORIO

(*á parte*) Ella acredita que eu sou somnambulo!...

SEBASTIANA

(*arrumando*) Este quarto está n'uma felga...

LIBORIO

(*á parte*) A mulher é capaz de ficar... Detestavel creatura!

ITELVINA

(*olhando para a pendula*) São onze horas?

Digitized by Google

LIBORIO

(*á parte*) Ai! já onze!

SEBASTIANA

Não, minha senhora, só são nove horas... Eu não sei como isto seja! A pendula do senhor adianta-se, e o relogio atraza-se.

LIBORIO

Como será isso? entende-se bem... é muito simples... Sou eu que desmancho tudo... Como heide eu andar direito, se o pé torto de minha mulher não me sáe do espirito?!

ITELVINA

Pobre Liborio! (*á parte*) Elle será tão estupido? (*Alto a Sebastiana, mostrando-lhe os suspensorios que estão no chão*) Sebastiana, levanta isso.

SEBASTIANA

(*erguendo os suspensorios*) O senhor estragou assim os seus suspensorios?

LIBORIO

É verdade, é verdade... Foi de proposito.

Digitized by Google

ITELVINA

De proposito?

LIBORIO

Encommodavam-me. (*á parte*) A creada já me inoja...

ITELVINA

(*á parte*) Como elle é tão philosopho, dobrarei a doze...

LIBORIO

(*a Sebastiana*) Sebastiana...

SEBASTIANA

Senhor.

LIBORIO

Seria bom tratar do almoço.

SEBASTIANA

Sim, meu senhor; mas, se a senhora precisar de mim?

LIBORIO

Se precisar, chamo-te... Faze um almoço ligeiro, refrigerante. (*Sebastiana tem passado para a direita*).

Digitized by Google

ITELVINA

Eu tinha dado as ordens; mas, se as não approva...

LIBORIO

Eu? tudo o que a minha esposa quizer é o que eu quero... Sebastiana, vae preparar o almoço que a senhora ordenou.

SEBASTIANA

Sim, meu senhor. (*Sae pelo fundo*).

SCENA VI

Itelvina e Liborio

ITELVINA

Ah! tu queres um *tête-à-tête*... Vamos a isso...

LIBORIO

(*á parte*) Sosinhos! estamos sosinhos! (*com transporte, sentando-se ao lado de Itelvina*) Ah! Itelvina! Minha esposa! querida...

ITELVINA

Que é, meu amigo?

Digitized by Google

LIBORIO

Desculpa a minha perturbação!... esta emoção!... este primeiro *tête-à-tête*... porque é o primeiro... o primeiro... depois que és minha mulher, e que me pertences, Itelvina!... por que tu és minha, és o meu bem, o meu thesouro, a minha vida...

ITELVINA

Sim, Liborio; somos um do outro, são inseparaveis os nossos destinos... Eu sou sua como o senhor é meu... O senhor póde esquecer isso... eu é que jámais!...

LIBORIO

Esquecer, esquecer, eu! Se tu soubesses as noites tormentosas que eu passo!... o que me custa a adormecer... as reflexões que precedem o meu somno... os sonhos que o acompanham... Queres que eu t'os conte?

ITELVINA

Pois sim, conte lá.

LIBORIO

(*erguendo-se*) A's vezes, vejo-te sahir d'uma floresta como a Armengarda do Alexandre

Digitized by Google

Herculano das penhas da Covadonga; outras vezes estamos os dois n'um paraizo terreal como Adão e Eva... e eu a apertar-te ao coração (*aproxima-se*) a apertar-te... (*Cinge-a com os braços*).

ITELVINA

(*gritando*) Ai! ai!

LIBORIO

(*recuando*) Tu que tens!

ITELVINA

Ah! que dôres!

LIBORIO

(*á parte*) Diabolico torcegão!...

ITELVINA

Isto passa... não é nada... foi um geito que o senhor me fez dar. (*com a voz natural*) Póde continuar, meu amigo.

LIBORIO

Em que estavamos nós?

ITELVINA

Estavamos no paraiso terreal.

Digitized by Google

LIBORIO

E' verdade, um ao lado do outro.

ITELVINA

O senhor abraçava-me...

LIBORIO

Mas, presentemente, não me atrevo...

ITELVINA

Isso não faz nada ao caso... o abraço era a sonhar...

LIBORIO

Itelvina!

ITELVINA

Liborio!

LIBORIO

O nosso cazamento não é um sonho... pois não?

ITELVINA

Decerto não, meu amigo.

LIBORIO

E todavia...

ITELVINA

E todavia...

LIBORIO

Olha, Itelvina, eu queria que o pé torcido fôsse meu; ainda que tivesse torcidos ambos

Digitized by Google

os pés não deixaria de me lançar nos teus braços... Não ha supplicio comparavel... Ah! Tantalo no meio da agua, debaixo de arvores carregadas de fructos que elle não podia trincar... Eis a minha posição!... a arvore... és tu! Tantalo, sou eu! Tenho fome, e não posso comer... Horrivel!

ITELVINA

Então o senhor padece muito, não é verdade?

LIBORIO

Até ao extremo de me tornar cruel e insensivel ás tuas dôres... Quando ahi te vejo, face a face, não ouço senão a minha paixão e... (*abraça-a*)

ITELVINA

Ai! ai! meu Deus! ai!

LIBORIO

(*erguendo-se*) Não, não, não... nada de novo... mesmo nada... (*á parte*) Tudo como d'antes... Quartel genera d'Abrantes...

ITELVINA

Ai que dôres! que dôres lancinantes!

LIBORIO

Se sou o culpado, peço desculpa...

Digitized by Google

ITELVINA

Ah!... vae passando... adormece... Ah! respiro! (*tom natural:*) Póde continuar, meu amigo.

LIBORIO

Continuar... o quê?

ITELVINA

Isso que me estava contando... que era muito bonito...

LIBORIO

(*á parte*) Ella parece innocente como uma ovelhinha recem-nascida! (*alto*) Minha senhora, se me dá licença, ataremos o fio partido do cavaco quando a senhora estiver san.

ITELVINA

Mas... por quê?

LIBORIO

Porque esta palestra... agita-me... agita-me bastantemente.

ITELVINA

Ah! sim? então fallemos d'outra coisa.

Digitized by Google

LIBORIO

Sim... de coisas frias... historias da Siberia... Fallemos do Marão, da Serra da Estrella.

ITELVINA

Diga-me cá, não o incommoda andar com uma bota e um chinelo?

LIBORIO

Incommoda-me horrivelmente... e, se me dás licença, calço a outra.

ITELVINA

Se dou licença? ora essa... Póde calçar.

LIBORIO

(*calçando a outra bota*) De mais a mais, este acto não é por nenhuma maneira provocante nem estimulante... até acho que faria bem em me vestir... (*tira a camisola*)

ITELVINA

Vestir-se?

LIBORIO

Sómente vestir um colete e uma rabona (*á parte*) Creio que um marido, sem faltar á decencia... (*Emquanto falla, vae abrir o gabi-*

Digitized by Google

nete da toillete, e recebe na cara o outro chinelo que pendia d'uma guita) Cá está o outro chinello!

ITELVINA

Tinha-o perdido?

LIBORIO

Nada, fui eu... Estou no habito de todas as noites...

ITELVINA

Pendurar um dos chinelllos no gabinete de *toillete*...

LIBORIO

Sim... isto é... quero dizer... Ordinariamente penduro os chinelos... não, eu ponho-os ambos aos pés da cama; mas aconteceu que pendurei este...

ITELVINA

(*á parte*) E' admiravel! nada o espanta! Forte idiota!

LIBORIO

(*á parte, tirando a gravata do gabinete*) E' inevitavel que eu seja somnambulo... acabou-se... sou somnambulo.

Digitized by Google

ITELVINA

E' singular coisa! Tenho momentos em que não me doe nada o pé... perfeitamente bôa...

LIBORIO

Esses momentos duram pouco (*Procurando atar a gravata*) Não me ageito!... maldita gravata... estou muito perturbado...

ITELVINA

Quer que o ajude, meu amigo?

LIBORIO

Agradeço, mas receio...

ITELVINA

Venha cá... pois eu não sou sua mulher?

LIBORIO

Ah!

ITELVINA

O senhor diz *ah!*

LIBORIO

Eu cá me intendo... (*Ajoelha aos pés da mulher estendendo-lhe o pescoço e dando-lhe a gravata*) Tu não me percebes... mas eu é que me comprehendo... Mysterios...

Digitized by Google

ITELVINA

(*sorrindo*) Então tem segredos para mim, Liborio?

LIBORIO

Ah! Itelvina! que gentil, que formosa tu és! (*Itelvina aperta a gravata*) Ai!

ITELVINA

(*ingenuamente*) Que tem?

LIBORIO

E' que me afogas!

ITELVINA

E' por que o senhor mexe-se.

LIBORIO

Eu mexo-me por que tu me asphixias.

ITELVINA

(*maviosamente*) Esteja assim quietinho... para eu lhe fazer um lindo laço. (*Elle quer abraçal-a*).

ITELVINA

Ah! Deus do céo! que dôr!

Digitized by Google

LIBORIO

(*erguendo-se*) Não, não... não me lembrou... (*á parte*) Apre! que situação! (*Passa para a esquerda, e vae vestir o collete e a rabona que tira do gabinete*).

ITELVINA

Que dôres! que dôres!

SCENA VII

Os mesmos e Sebestiana

SEBASTIANA

(*entrando pelo fundo*) Está prompto o almoço, senhora. Onde quer a meza?

ITELVINA

Não tenho appetite...

LIBORIO

Nem eu tão pouco, a não ser que... Que ha que almoçar?

SEBASTIANA

Ostras cruas, pasteis de camarão e sallada de lagosta.

Digitized by Google

LIBORIO

Ui! querem-me incendiar!

ITELVINA

Não gosta do almôço?

LIBORIO

Ha occasiões, menina, ha occasiões... mas, no estado actual, o que eu precisava era limonadas e orchatas.

ITELVINA

Porque não vae almoçar com meu pae ao botequim?

LIBORIO

Pensa que eu a deixava...

ITELVINA

Não tem duvida... vá que eu preciso descançar.

LIBORIO

Tambem eu...

ITELVINA

Cá fica a Sebastiana... Vá e demore-se por lá, que eu preciso dormir.

Digitized by Google

LIBORIO

(*que passou para a direita*) Pois bem, seja assim; vá dormir, que eu vou tomar um pouco d'ar. (*á parte*) Ah! Itelvina, Itelvina, por que polkaste tu com o tabellião! (*Sahe pelo fundo*).

SEBASTIANA

(*que passou para a esquerda*) Então, pelo que vejo, ninguem almoça...

ITELVINA

Depois, Sebastiana, depois... mas tu não esperes. Almoças quando tiveres vontade.

SEBASTIANA

Eu não posso deixar a senhora sósinha...

ITELVINA

Pódes... Vou dormir... Vae, e fecha-me esta porta. (*Sebastiana passa para a dereita*) Olha, para eu não acordar estremunhada, espreita, e quando o senhor vier, vem prevenir-me.

SEBASTIANA

Sim, minha senhora. (*á parte*) Ella quer aqui dormir sósinha... porque será? (*Sahe pelo fundo*).

Digitized by Google

SCENA VIII

Itelvina

(*só*) (*está um instante quieta, mas, logo que a porta se fecha, desata precipitadamente as tiras que lhe ligam a perna, e entra a caminhar rapidamente*). Ah! sim? tu comerás o almoço incendiario... hasde comêl-o por força! quando só encontrares no teu *porte-monnaie* um tostão para pagar o leite e as limonadas, é natural que voltes ao teu posto... Essa felicidade espero eu têl-a. Seja como fôr, vou tratando de armar as engenhocas para a noite que vem. Comecemos pelas campainhas de que elle abusa... Onde acharei eu com que as corte? (*Vae ao gabinete da toilette e encontra lá uma faca de mato*) Uma faca de mato! Ah! tu tens facas nos teus guarda-roupas?... tens!... está bom... esta hade servir-me... Vamos primeiro cortar... Cortar, não! (*Atira com a faca para dentro do gabinete que fecha*) O que se deve quebrar é o arame... Ah!... com a cadeira sobre o leito, chego acima... (*Pega da cadeira, que põe sobre a cama, e sobe acima cantarolando. Ergue-se, de costas para a parede, e pega no arame com as mãos ambas*) Oh! c'os diachos! parece-me muito rijo!... *An!* é puxar... (*ouve-se tilintar a campainha*) Aí que eu toquei! Se a Sebastiana me vê aqui...

Digitized by Google

SCENA IX

Itelvina e Sebastiana

SEBASTIANA

A senhora chamou?

ITELVINA

Ai!

SEBASTIANA

Onde é que está? (*Vendo-a*) Ah!...

ITELVINA

Sio! cala-te!

SEBASTIANA

Foi a senhora que...

ITELVINA

Cala-te, que te heide dar uma prenda.

SEBASTIANA

Então que quer que eu faça, senhora?

ITELVINA

Espera ahi. (*Puxando pelo fio*) *Záz! Záz!* Está quebrado! (*Quebra o fio, e o mesmo tilintar da campainha continua*).

Digitized by Google

SCENA X

As mesmas e Liborio

LIBORIO

(*entrando pelo fundo quando sôa a campainha*) Ella a chamar, a minha querida a chamar...

SEBASTIANA

Ui!... meu Deus!...

ITELVINA

Oh! co' a breca! Estou aviada!

LIBORIO

(*não encontrando a cadeira em que Itelvina ficou sentada e passa á esquerda*) Como é isto? Ella não está aqui? (*Vendo-a*) O'lé!

ITELVINA

(*sempre sobre a cadeira; e com a maior naturalidade*) Então já por cá?

LIBORIO

Que fazes tu ahi?

Digitized by Google

ITELVINA

Como estava melher do pé, quiz experimentar um passeio.

LIBORIO

Passear lá por cima?... Ah! tudo se explica! O somnambulo não era eu... eram vocês as duas que...

SEBASTIANA

O' senhor! os diabos me leve se...

LIBORIO

Retira-te.

SEBASTIANA

Mas senhor... Raios me parta, se...

LIBORIO

(*avançando para ella*) Rua! rua!

SEBASTIANA

Rua?... mas...

LIBORIO

Safa-te, ou eu... (*Sebastiana dá um grito e foge pelo fundo. Liborio dá um pontapé no banquinho*).

Digitized by Google

SCENA XI

Liborio e Itelvina (*Durante estas ultimas fallas, Itelvina desce serenamente da cadeira, depois desce do leito, e ahi fica fria e impassivel*).

LIBORIO

(*fechando a porta do fundo, e approximando-se de Itelvina*) Agora nós dois, senhora! (*silencio de Itelvina*). Quando eu entrava no botequim, a inquietação fez-me regressar... Vejo que fiz bem... (*silencio*) Que geringonça é esta? queira responder.

ITELVINA

Geringonça, dizes tu? perguntas-me que geringonça é esta?

LIBORIO

Sim!... pergunto e quero saber...

ITELVINA

(*formalisada*) Liborio, tu esmagaste o coração de uma mulher, o seu primeiro amor...

LIBORIO

Eu? que esmaguei eu?

Digitized by Google

ITELVINA

Despedaçaste a minha vida, cobriste o meu céo com um crepe negro!... Assassinaste Macario!

LIBORIO

Lerias!

ITELVINA

Atráz, assassino! atráz, que me horrorisas!

LIBORIO

Como? então é p'ramôr d'isso que?... Ora adeus! isso é pêta... eu não matei Macario nenhum.

ITELVINA

Pois tu não assassinaste Macario?

LIBORIO

Não tinha eu mais que fazer!... E a prova é que Macario está vivo e são.

ITELVINA

Macario vive?

LIBORIO

(*reconsiderando*) Eu cá de mim não o matei... (*á parte*) que ia eu a dizer? Ella ama-o! e, se sabe que elle vive, temos novo chinfrim...

Digitized by Google

ITELVINA

Ah! tu negas? não tens a coragem do teu crime?

LIBORIO

Itelvina, palavra d'honra!... Quem te disse?...

ITELVINA

Nada de questoens... Você está condemnado!

LIBORIO

Condemnado!

ITELVINA

Eu fiz um juramento, Liborio! e na minha patria não se quebram juramentos!

LIBORIO

Isso nós veremos depois... A senhora jurou de encher de pimenta os meus carapuços? coser os meus lenços?...

ITELVINA

Isso era um preludio... a farça antes da tragedia...

LIBORIO

Tragedia?!

Digitized by Google

ITELVINA

Para vingar Macario, cumpria que a sua vida me pertencesse, e por isso casei comsigo!

LIBORIO

Então foi só para isso que...

ITELVINA

Unicamente para me vingar, e nunca pelos seus attractivos, percebe?

LIBORIO

Mas a senhora, casando comigo, tambem me deu a sua vida e...

ITELVINA

A minha estava despedaçada... O sacrificio que eu lhe fazia era d'uns pedaços da minha existencia.

LIBORIO

Mas a senhora sabe que eu sou uma especie de balão que não obedece ao movimento de vontades alheias?

ITELVINA

Os baloens obedecem ao capricho do vento, e os homens ao capricho das mulheres.

Digitized by Google

LIBORIO

Sim? estou com curiosidade de vêr isso...

ITELVINA

Eis o meu programma: (*Com energia*) Quero que cada um dos teus dias seja uma catastrophe! cada uma das tuas horas uma tortura! cada um dos teus minutos um grito de dôr!...

LIBORIO

(*com ironia*) Diga lá o resto.

ITELVINA

Heide fazer-te tragar todas as amarguras! cravejar-te com todos os punhaes!... passarás a vida sobre umas grelhas como S. Lourenço, e eu de vez em quando a voltar-te nas grelhas... e tu a arder, a rechinar... oh!...

LIBORIO

Que enorme têlha!

ITELVINA

E' o teu futuro!

LIBORIO

Mas é que eu fujo-te... podéra!...

Digitized by Google

ITELVINA

E eu vou atraz de ti. Sou tua mulher; a lei obriga-te a receber-me.

LIBORIO

Excellente separação de corpos a que já estou habituado!... Divorcio-me.

ITELVINA

E as provas? Pensas no divorcio? Cuidas que eu não previ já esse caso muito natural de me quereres escapar? Eu já li o teu codigo civil. Ninguem se separa sem provas e testemunhas; e tu nunca hasde arranjar testemunhas nem provas. Mulher mais terna do que eu, em publico, não hade haver segunda, heide acariciar-te, ameigar-te, se fôr preciso, que isso me não custa nada...

LIBORIO

(*á parte*) Irra! estou a sentir uns calefrios na espinha...

ITELVINA

Em publico, serás o meu amante, o meu heroe, o meu Deus! Serás um mortal ditoso e invejado!... possuirás uma gentilissima esposa, dedicadissima... e, se, um dia, ousares

Digitized by Google

queixar-te de mim, se promoveres o divorcio, passarás por um monstro extraordinario, por um ignobil... malandro!

LIBORIO

(*á parte*) Isto é o José do Telhado disfarçado em mulher!

ITELVINA

(*indo para Liborio que passa á esquerda*) Mas o anjo das salas será o demonio dos lares! quero que a tua vida se teça de espinhos dilacerantes. Não entrarás em tua casa sem cahir n'uma esparrela! Não poderás sahir sem te palpitar uma desgraça imprevista. E este amor... este amor que me pedias, heide dál-o a outro!

LIBORIO

Oh! *Shocking!*

ITELVINA

Sim! heide cuspir na tua honra!

LIBORIO

(*furioso*) Senhora!

ITELVINA

Eis o teu futuro, Liborio! eis o teu futuro! (*sahe pela direita*).

Digitized by Google

SCENA XII

Liborio

(*só, atordoado*) Safa! caramba! É *bècarre!* Estou a abafar! ardem-me os miolos! Anda-me tudo á roda! Parece-me que estou n'uma jaula *tête-à-tête* com uma panthera solta... Falta-me a coragem para a lucta! (*Cáe prostrado perto do gueridon*) Que a panthera me devore! Resistir-lhe é-me impossivel!... (*Fecha os olhos e fica immovel...*)

SCENA XIII

Liborio e Barnabé

BARNABÉ

(*entrando alegremente pelo fundo*) O meu negocio vae bem... optimamente.

LIBORIO

E' elle!... (*levanta-se e sobe um pouco*).

BARNABÉ

Ah! meu amigo Liborio, obterei a casa. O Braga ainda hesita quanto ao preço, mas eu conheço-lhe o genio... elle é condescendente... e emfim, viverei em paz e socego.

Digitized by Google

LIBORIO

(*dirigindo-se-lhe*) Em paz?... Sorri-lhe essa esperança? Pois não viveste...

BARNABÉ

Sim... sorri-me esta esperança.

LIBORIO

O senhor é cumplice, não é?

BARNABÉ

Cumplice de quem?

LIBORIO

Da besta-fera de quem se intitula pae?

BARNABÉ

Snr. Liborio! Modere-se!

LIBORIO

E' cumplice d'ella... Concorde... Aprazme a sua confissão... Ao menos que a minha colera encontre um homem em frente d'ella...

BARNABÉ

Eu não o percebo! Será isto um ataque de somnambulismo?!

Digitized by Google

LIBORIO

Somnambulo! Ainda está n'isso, o senhor! Não sabe que a farça se desenvolveu depois... o véo veio á terra... descobri o inimigo do meu descanço, o ente mal-fazejo que se mettia, de noite, no meu quarto, para me transtornar tudo...

BARNABÉ

Então... quem é?

LIBORIO

A sua hedionda filha... a sua filha que o senhor teve artes de me impingir!...

BARNABÉ

Itelvina? o senhor está a mangar...

LIBORIO

Sim... finja-se espantado!...

BARNABÉ

Com um pé desnocado? a minha filha?

LIBORIO

(*rindo amargamente*) Pé desnocado! (*rindo*) Ah! ah! ah! ah! Não vê que ella me bigodeou?

Digitized by Google

BARNABÉ

Mas para quê?

LIBORIO

Para quê? para vingar Macario que ella me accusa de eu ter assassinado!

BARNABÉ

Isso é incrivel!

LIBORIO

E quer saber o futuro que ella me destina? A sorte de Meneláo de Sganarello, de Vulcano e d'outras testas celebres.

BARNABÉ

E ella disse-lh'o? Mas, quando isso se dá, as mulheres nunca previnem os maridos...

LIBORIO

E' uma excepção...

BARNABÉ

Tudo isso é tão anormal... tão extravagante... (*como assaltado por uma idea*) Ah!

Digitized by Google

LIBORIO

Que é?

BARNABÉ

Lá vou... Foi a palavra *extravagancia* que me orientou... Estou no caminho...

LIBORIO

Caminho de quê?

BARNABÉ

O snr. Liborio sondou o pulso de sua mulher?

LIBORIO

Ora essa!... sondar-lhe o pulso!... Não.

BARNABÉ

Fez mal. Esta excentricidade no seu proceder, este humor extravagante... explica-se tudo...

LIBORIO

O quê? o que é que se explica?

BARNABÉ

E' a crize ordinaria... Amigo Liborio, não succumba ao pezo da sua felicidade... Libo-

Digitized by Google

rio, vou dar-lhe um jubilo immenso... Olhe que vae ser progenitor! Vae ser pae!

LIBORIO

(exasperado) Pae!

BARNABÉ

Sim! esses appetites desvairados... essa desordem moral...

LIBORIO

(agarrando-o pelo colete) Ah! patife!

BARNABÉ

Hein? você chame-me patife? a mim?

LIBORIO

E' a minha deshonra que você apregôa!

BARNABÉ

(desagarrando-se sem poder) Que diz?

LIBORIO

Você sabia-o e não me gritou: *acautele-se!*

BARNABÉ

Você esgana-me!...

Digitized by Google

LIBORIO

Mas agora estou convencido... (*sacode-o cada vez mais*).

BARNABÉ

Largue-me! socorro! ó da guarda!

SCENA XIV

Os mesmos e Itelvina *(Itelvina entrando agitadamente pela direita; está em toilette de quem vae a passeio).*

Que é isto? que aconteceu? (*Liborio larga Barnabé, que cahe assentado ao pé da jardineira. Liborio fica um momento immovel entre o sogro e a mulher, olhando-os alternadamente; depois despede um suspiro abafado, e sahe precipitadamente pelo fundo, fazendo um gesto de horror*).

SCENA XV

Barnabé e Itelvina

BARNABÉ

(*assentado*) Uf! (*bufando*)

ITELVINA

O pae que tem! parece que está sobresaltado!

Digitized by Google

BARNABÉ

Sim... com certeza... eu não me sinto bastante bem. (*respira fortemente*).

ITELVINA

Mas que aconteceu?

BARNABÉ

(*erguendo-se*) Aconteceu... mas não, as explicações são inuteis... Vou deixar esta caverna...

ITELVINA

Mas emfim... que lhe disse o meu marido? onde foi elle?

BARNABÉ

Não sei nem me importa... Cá te avêm sem mim... Lavem cá a sua roupa suja como poderem, que eu tenciono ser estranho a esta barrela. Boas tardes. (*Vae para sahir*).

ITELVINA

Mas... meu pae! venha cá...

BARNABÉ

Convence-te de que me vou embora (*sobe*).

Digitized by Google

ITELVINA

(*tolhendo-lhe o passo*) Ao menos diga-me...

BARNABÉ

Não digo... deixa-me!

ITELVINA

Não hade sahir!

BARNABÉ

Impedir-me! (*indo para ella*) Minha filha!

ITELVINA

Não sahe antes de me dizer...

BARNABÉ

Tudo o que eu tenho no coração? Vaes ser satisfeita! Tu, a meu pezar, envolves-me nas tuas combinaçoens ferozes! Pois bem... Tambem eu vou torturar-te... e desde já fica sabendo uma pequena coisa que te vae dar grande prazer! Macario existe! Macario vive!

ITELVINA

Macario!

BARNABÉ

Nunca se bateu... não era tão bêsta, como

Digitized by Google

isso... É um maltrapilho, mas é velhaco... Elle logo conjecturou a linda mulhersinha que tu serias... e disse lá com os seus botões: «Não quero contas com a mexicana» e pediu a este bajojo do Liborio que viesse annunciar-te a sua morte, e este parvoeirão foi tão asno... que...

ITELVINA

O pae está blasphemando...

BARNABÉ

Que é blasphemar?

TIELVINA

Macario vivo!... Macario auctor de tal perfidia!... não, não, é impossivel!

BARNABÉ

Com que então impossivel! E, se eu te disser, que elle, bem contente por não entrar n'este langará, se consola em uma mancebia...

ITELVINA

Mancebia?

BARNABÉ

Sim... com uma creaturinha, de pouco mais ou menos, rua de Miragaya n.º 1071, lado direito.

Digitized by Google

ITELVINA

Rua de Miragaya n.º 1071, lado direito... (*Passa para a esquerda*).

BARNABÉ

Mudou de freguezia; mas não de costumes... O fedor dos escandalos de Miragaya não passa da Cordoaria, e confunde-se com as flôres do jardim e do peixe do barracão...

ITELVINA

Oh! isso seria horrivel! horrivel! (*Liborio entra pelo fundo*).

SCENA XVI

Os mesmos e Liborio

LIBORIO

(*com o porte-monnaie na mão*) Minha senhora, eu tinha aqui 12$000 réis. Foi a senhora que lhe deitou o gatazio?

ITELVINA

Logo o saberá quando eu voltar (*Sahe*).

LIBORIO

Onde váe você?

Digitized by Google

ITELVINA

Rua de Miragaya n.º 1071. (*Sahe precipitadamente pelo fundo*).

LIBORIO

Que é? Rua de Miragaya n.º 1071! Quem lh'o diria? (*A Barnabé*) Foi o senhor... Rua de Miragaya, é lá effectivamente (*Ouve-se fechar á chave a porta do fundo*) Ella fehca-nos! e vae a casa d'elle! a casa d'elle! (*Indo á porta da direita*) Por esta porta... (*Ouve-se o rodar da chave que a fecha*) Fechada! fechada tambem! (*correndo á chaminé*) Sebastiana! (*pucha pelo cordão da campainha*) Não ha campainha! está quebrada a campainha!

BARNABÉ

E o Braga que me está esperando para assignar a escriptura!

LIBORIO

Eis-me encarcerado!

BARNABÉ

E eu!

LIBORIO

(*fóra de si, ameaçando Barnabé*) Ah! seu biltre! foi você a causa de tudo isto! (*Atira-se*

Digitized by Google

a Barnabé, que procura fugir-lhe, aos encontroens aos trastes. Liborio persegue-o vivameute. Cahe o panno, quando Barnabé está apitando).

FIM DO ACTO SEGUNDO

Digitized by Google

ACTO TERCEIRO

A mesma decoração. — Grande desarranjo. — Os moveis tombados, um colchão está meio cahido para fóra do leito.

SCENA I

Liborio e Barnabé *(ao levantar do pano, Barnabé está sentado no colchão, e Liborio, á direita sobre uma cadeira de braços, cahida. Depois de instantes de silencio, Liborio levanta-se e vae á janella).*

LIBORIO

(*examinando a rua*) Nada, não vejo vir ninguem. Que horas são, snr. Barnabé?

BARNABÉ

Outra vez... Depois do nosso combate... singular, já me perguntou isso trez vezes.

Digitized by Google

LIBORIO

A quem heide eu perguntal-o? ao meu relogio? á minha pendula? Tudo aqui está desmanchado (*á parte*) como a cabeça de minha mulher (*Levanta a cadeira*).

BARNABÉ

Ha cinco minutos que eu lhe disse que eram 3 e 25; agora, por consequencia, são trez e meia.

LIBORIO

(*passeando com grandes passos*) Ella sahiu ás duas horas... (*dirige-se a Barnabé*) Como explica o senhor isto? Auzente á hora e meia! (*Arruma os trastes*).

BARNABÉ

Não que d'aqui de Malmerendas a Miragaya são dois kilometros. Dê-lhe tempo...

LIBORIO

Que lh'o dê? Ella toma o que quer! Fechar o pae e o marido para ir...

BARNABÉ

Minha filha é incapaz de tal...

Digitized by Google

LIBORIO

E' capaz de tudo: é Mexicana, e basta.

BARNABÉ

Não o contrario, para você não pegar de novo comigo. (*Levanta-se e põe o colchão sobre o leito*).

LIBORIO

Ah! o senhor tem magnificas ideias! Que eu era pae! Esta só pelo diabo! eu podia lá ser pae, homem!

BARNABÉ

E eu podia lá imaginar que o senhor depois de casado?... Emfim, o que eu lhe disse era para o applacar...

LIBORIO

E para applacar minha mulher disse-lhe que o Macario era vivo. Foi isso?

BARNABÉ

Está claro; as minhas intençoens fôram sempre boas... eu não tive culpa, se o senhor é um marido... distincto.

LIBORIO

Que horas são?

Digitized by Google

BARNABÉ

(*tirando o relogio pacientemente*) Trez e trinta e dous minutos. Outra vez. O melhor é ficar com o relogio na mão, (*fica assobiando*) até o senhor acertar o seu.

LIBORIO

O senhor assobia?

BARNABÉ

Então o senhor quer que eu chore? Deixe-me assobiar, homem! Ha paixoens d'alma que não desafogam se não pelo assobio... situaçoens crueis em que um homem sente a necessidade de estar sempre não só a assobiar, mas até a apitar.

LIBORIO

Tem rasão. Quando se possue uma filha como a sua, e uma esposa como a minha, todas as manifestaçoens do assobio e do apito são permittidas. (*Barnabé continua a assobiar*) Tem rasão. Assobie á sua vontade... use de todos os instrumentos de sôpro... Desabafe, snr. Barnabé, que eu faço o mesmo. (*Assobia tambem. Ouve-se ruido de passos*). *Sio*... escute...

BARNABÉ

Será?... (*rumor na fechadura*).

Digitized by Google

LIBORIO

E' ella!

BARNABÉ

Prudencia, snr. Liborio, prudencia...

LIBORIO

(*sentando-se n'uma cadeira á esquerda, e pegando de um jornal de sobre o fogão*) E' ella... (*atira os pés para cima de uma cadeira*).

BARNABÉ

(*á parte*) Elles vão-se agatanhar!... se eu podesse tingar-me...

SCENA II

Os mesmos e Itelvina *(Abre-se a porta do fundo precipitadamente. Itelvina entra muito agitada, fita o pae e o marido, tira o chaile e o chapeu que atira sobre a cama; depois, desce, torna a fitar o marido e o pae, e diz a Barnabé)*:

ITELVINA

Meu pae! deixe-nos sós. (*Barnabé, sem responder, safa-se apressadamente pelo fundo*).

Digitized by Google

SCENA III

Liborio e Itelvina *(Itelvina está momentos sem fallar, olhando para o marido que a não encara; depois faz um gesto de impaciencia e diz:)*

ITELVINA

Vi Macario. Não estava só... Estava com uma creatura com um penteado de estardalhaço, muito estapafurdio. Iam sentar-se á meza... e eu puxei pela toalha e quebrei tudo... (*Movimento de Liborio, que logo se riprime, e retoma a sua apparente tranquilidade*). Levantaram-se ambos e avançavam para mim; eu fiquei de braços cruzados, serena, immovel, encarando-os assim! Depois affastei-me lentamente, sem dar palavra, e sahi! (*Silencio. Itelvina dá uns grandes passos*) Ah! o que são os homens! o que são os homens! (*Torna para o marido*) Por que é que o senhor me annunciou a morte d'elle? (*Silencio*) Eu sei-o, disse-m'o meu pae... foi elle, esse miseravel que assim o quiz, não foi? O infame Macario escarneceu o meu amor, ludibriou a minha angustia! Ah! é incomprehensivel! é execravel! (*Pega da cadeira em que o marido tem os pés e senta-se ao lado d'elle*) Como é que nós havemos de matar Macario?

Digitized by Google

LIBORIO

(*agitado, erguendo-se*) Que diz?

ITELVINA

(*fazendo-o sentar-se*) Ambos nós andamos mal, Liborio. Eu cuidei que tu o matáras... Não se falle mais no passado... acabou-se... Agora, unamo-nós para a vingança... Como é que se bade assassinar Macario?

LIBORIO

(*erguendo-se*) A senhora terá o diabo no corpo?

ITELVINA

Se estivessemos na minha patria, eu não o consultava; mas aqui, os homens que fizeram as leis, reservam para si o monopolio da vingança, e a honra de uma mulher nada importa, se não implica com a honra do homem. Pois então, snr. Liborio, visto que me esposou, a minha honra é a sua. Um pulha, um sacripanta escarneceu sua mulher... cumpre-lhe evitar que elle o escarneça tambem a si... (*com ternura*) Mata-o! filho! mata-o!

LIBORIO

(*á parte*) Arreda! estou em braza!

Digitized by Google

ITELVINA

(*formalisada*) Dar-se-ha caso que o senhor, escravo de vãos prejuizos, não queira attentar contra a vida d'elle sem expor a sua? Se é isso, esteja descançado. Se Macario o matar, eu não lhe sobrevirei, nem elle, por que morrerá ás minhas mãos; matal-o-ei, matal-o-ei, e depois lá nos veremos... no ceu! (*Apontando-lhe para o ceu, bate-lhe com a outra mão no hombro*).

LIBORIO

A senhora com toda a certeza está doida!

ITELVINA

Doida?

LIBORIO

Então a senhora quer que eu vendime o Macario por que elle não quiz cazar comsigo... Tomára eu obrigal-o a cazar...

ITELVINA

Senhor! veja lá o que diz!

LIBORIO

Olhe, menina; isso que a senhora me propõe já Hermione o propoz a Orestes em uma tragedia de Racine, e sabe o que fez a canalha

Digitized by Google

da Hermione, depois que o parvo do Orestes matou Pyrrho? Poz-se a chorar por Pyrrho, e mandou o Oreste á fava. Aqui tem a gratidão das mulheres...

ITELVINA

Por tanto, recuza?

LIBORIO

Redondissimamente. (*á parte*) Isto é que é o *chic* da patifaria!

ITELVINA

Bem! Eu pedia-lhe a cabeça de Macario para salvar a sua... Você não quer? não quer? não se falla mais n'isso.

LIBORIO

Isso que quer dizer... explique-se!

ITELVINA

Macario recuou deante dos laços indissoluveis; mas amava-me, estou certa d'isso, e eu... ainda o amo.

LIBORIO

(*levantando os dois braços*) Que diabo!

Digitized by Google

ITELVINA

E visto que o senhor desculpa o proceder passado de Macario, terá de desculpar tambem o futuro...

LIBORIO

(*agarrando-a pelos braços*) Mulher!... Ah! tu pensavas que...

ITELVINA

Largue-me!

LIBORIO

Amas Macario?

ITELVINA

Você magoa-me!

LIBORIO

Os indigenas do mexico que é o que fazem ás mulheres que se parecem comtigo?

ITELVINA

O senhor está-me a quebrar os braços...

LIBORIO

Póde ser; por que em Portugal, nós os homens, ao lado da lei, tambem temos a força.

Digitized by Google

ITELVINA

Isso é uma covardia!

LIBORIO

Não sei se é; mas eu, se houvesse de matar alguem, não mataria o Macario...

ITELVINA

Ai! (*Cahe de joelhos*).

LIBORIO

Olhe bem para mim, senhora! (*Ella quer morder-lhe a mão*) e não môrda! Se cuidou que cazava com um cordeirinho, mude de opinião a meu respeito. Este homem que se chama Liborio, nascido no Porto, no Poço das Patas n.º 610, é de per si só mais feroz que todos os leopardos do Mexico... Não môrda, ouviu?

ITELVINA

Ai!

LIBORIO

Por emquanto, deixo-a viver; mas tenha juizo, muito juizo, ou dou-lhe a minha palavra de honra que não tardarei a passar a segundas nupcias! (*Deixa-a*).

Digitized by Google

ITELVINA

(*conserva-se um instante immovel, como humilhada de sua fraqueza; relança á volta de si olhos furiosos, depois levanta-se de um pulo, exclamando:*) Ah! a faca de mato! (*Corre para o gabinete da toillete*).

LIBORIO

Bem sei... (*Vae atraz d'ella, e fecha-lhe a porta por fóra logo que ella entra*).

ITELVINA

(*fechada*) Abra, abra a porta!

LIBORIO

(*pegando do chapeo*) Medite, senhora, que eu passados tres dias, volto cá. (*Sahe pelo fundo*).

ITELVINA

(*batendo na porta*) É infame, é abominavel! Snr. Liborio! Olhe que quebro a porta. (*Pancadas cada vez mais fortes*) Abra-me a porta; peço-lhe que me abra a porta por quem é! Oh! que vil, que indigno procedimento!

Digitized by Google

SCENA IV

Itelvina *(fechada)* **e Barnabé**

BARNABÉ

(*entrando pelo fundo*) Ora aqui está! Em quanto eu estive aqui fechado, o Braga vendeu a casa da Carriça... Tenho de procurar outra... (*Itelvina bate á porta do gabinete. Barnabé, que está perto, recua assustado*) Que diabo é isto?

ITELVINA

Abra-me a porta!

BARNABÉ

A minha filha fechada! (*alto*) Tu que fazes ahi?

ITELVINA

Abra, meu pae, abra!

BARNABÉ

Mas como foi isto? (*Vae para abrir*).

ITELVINA

Foi meu marido... Abra que eu lhe contarei.

Digitized by Google

BARNABÉ

(*retirando-se*) Teu marido!... diabo! diabo! isso é mais serio...

ITELVINA

Então, abre?

BARNABÉ

Minha filha, um sôgro não deve intervir entre marido e mulher.

ITELVINA

Então não abre?

BARNABÉ

Procedo como fino politico... Mantenho-me na neutralidade, na não intervenção.

ITELVINA

Mas eu suffoco!... *(Grando tropel dentro).*

BARNABÉ

Não suffocas, não... Isso passa!... (*á parte*) Ella arromba o sobrado!... (*Sahe*).

ITELVINA

(*batendo sempre*) Meu pae! meu pae! Foi-se?... Socorram-me! Acudam-me!

Digitized by Google

SCENA V

Sebastiana e Itelvina (*Sebastiana entra pela direita, trazendo pratos, talheres, pães e guardanapos*)

SEBASTIANA

A voz da senhora no gabinete de vestir... (*Pousa o que traz sobre o marmore do fogão*). E' a senhora?

ITELVINA

Abre, Sebastiana, abre a porta.

SEBASTIANA

Ahi vou, ahi vou. (*Abrindo*) Que foi isto?

ITELVINA

Péga! (*Dá uma bofetada em Sebastiana*).

SEBASTIANA

Ah! a senhora bate-me?

ITELVINA

(*percorrendo o theatro furiosa*) O' raiva! ó furor!

Digitized by Google

SEBASTIANA

Se eu soubesse que estava fechada...

ITELVINA

Perdôa-me, perdôa-me, Sebastiana... E' a colera, são os nervos... (*Dá-lhe dinheiro*) Pega lá, guarda...

SEBASTIANA

Obrigado, minha senhora! (*á parte*) Ella é muito boasinha! (*Põe a meza na jardineira*).

ITELVINA

(*cahindo n'uma cadeira á direita*) Tudo que me succede é incrivel! é estupido! Este homem que eu julgava um choninhas, um maricas, um fracalhão, agarrou-me, e prostrou-me supplicante! Elle furioso, parecia-me até bonito! (*Voltando-se para Sebastiana que põe a meza*) Que estás a fazer?

SEBASTIANA

Ponho a meza, senhora.

ITELVINA

Aqui?!

Digitized by Google

SEBASTIANA

A senhora esqueceu-se das ordens que me deu está manhan?

ITELVINA

Ah! sim, sim, esta manhan... então ainda eu me preoccupava com pieguices... Mas agora... (*Ouve-se a campainha*) Tocaram.

SEBASTIANA

Vou vêr. (*Sahe pelo fundo*).

ITELVINA

(*só*) Não póde ser meu pae nem meu marido... elles não tocavam. Se fôsse elle... ah! talvez seja... Macario! Quem sabe se a minha presença, despertando-lhe lembranças, acordou a sua paixão... Ah! se fôsse elle, se fôsse elle...

SEBASTIANA

(*entrando pelo fundo. Traz uma garrafa, copos e um papel*) Senhora, é um homem, enviado pelo snr. Macario, com este papel.

ITELVINA

(*pegando no papel com anciedade*) D'elle? dá cá, dá cá. (*Passa para a direita, em quanto*

Digitized by Google

Sebastiana põe a garrafa e os copos sobre o gueridon. Á parte) Ah! não me enganei! Elle ama-me!... Triumpho, em fim!

SEBASTIANA

(*á parte*) Ella que terá?

ITELVINA

(*lendo*) «Anno do Nascimento de... 1885, aos 24 dias de... a requerimento...» Hein? papel sellado! (*lendo*) «A requerimento do snr. Macario dos Anjos, eu, official de justiça abaixo assignado, citei a snr.ª D. Itelvina Barnabé para pagar a quantia de 64$460 réis de porcellanas e crystaes quebrados, etc. etc. etc.» Ah!... (*Cahe em uma cadeira á direita e fica silenciosa*).

SEBASTIANA

(*que tem continuado a pôr a meza, corre para ella*) Ai! meu Deus! a senhora achou-se mal?

SCENA VI

Os mesmos e Barnabé

BARNABÉ

(*entrando cautamente pelo fundo e vendo Sebastiana que encobre a senhora*) Sebastiana! A senhora ainda está no gabinete?

Digitized by Google

ITELVINA

(*indo para o pae*) Meu pae!

BARNABÉ

(*querendo safar-se*) Olha!...

ITELVINA

Venha cá!...

BARNABÉ

Eu volto logo.

ITELVINA

Fique, meu pae. Vae-te embora, Sebastiana.

SEBASTIANA

Sim, minha senhora. (*Sahe pelo fundo*).

BARNABÉ

Vou-te contar... Descobri outra quinta no Candal.

ITELVINA

Meu pae, eu volto para o Mexico.

BARNABÉ

Com teu homem?

Digitized by Google

ITELVINA

Já não tenho homem.

BARNABÉ

Não tens homem? Então Liborio o que é? Parece que tens razão... Elle para homem parece-me muito atrazado... Tu lá sabes...

ITELVINA

Fujo de Portugal, das suas leis, do seu codigo, dos seus costumes (*ironicamente*) e da sua justiça...

BARNABÉ

Mas, desgraçada, tu vaes encontrar a mesma coisa no Mexico.

ITELVINA

No Mexico?

BARNABÉ

Portugal não tarda a lá chegar com a sua influencia, com os seus jornaes...

ITELVINA

Irei para a China.

Digitized by Google

BARNABÉ

Não sabes que Portugal está em Macáo! Basta lá estar o Camoens na gruta.

ITELVINA

Vou para o Japão.

BARNABÉ

Estão lá missionarios portuguezes... os jesuitas que tem um olho muito fino...

ITELVINA

Irei para uma ilha deserta. (*Passa para a esquerda*).

BARNABÉ

Ah! sim! se achares uma... Ilhas desertas são hoje rarissimas... Não se apanha meia...

ITELVINA

O pae vae comigo?

BARNABÉ

Eu!

ITELVINA

E' indispensavel...

Digitized by Google

BARNABÉ

Nunca! Pede-me o que quizeres; mas viver só comtigo, isso, nunca!

ITELVINA

Não importa. Vou sosinha. (*Repassa para a direita*).

BARNABÉ

Filha!... juisinho, filha.

ITELVINA

Eu já não tenho pae... nem marido... nem familia. Parto! adeus! (*sahe pela porta da direita*).

BARNABÉ

(*vendo-a sahir, depois diz tranquillamente*) Fallaram-me d'uma casinha no Candal, e, se não fôr humida, tem muitas commodidades. Fiquei de me encontrar com o agente ás cinco horas, e...

SCENA VII

Barnabé e Liborio

LIBORIO

(*entrando pelo fundo, sem vêr Barnabé, e olhando para a porta do gabinete que está aberta*) Ah! já a soltaram! Sim... definitivamente é a

Digitized by Google

melhor resolução... (*Vendo Barnabé*) Olá! o senhor!

BARNABÉ

Eu ia sahir.

LIBORIO

Eu tambem parto.

BARNABÉ

E para onde vae?

LIBORIO

Isso é que eu não sei; sei que vou para muito longe. (*Passa á esquerda*).

BARNABÉ

Muito longe?

LIBORIO

Se vir sua filha, diga-lhe que morri.

BARNABÉ

(*tranquillamente*) Está bem; direi.

LIBORIO

Diga-lhe que me matou Macario — dê-lhe esse regalão.

Digitized by Google

BARNABÉ

Está dito. Vá descançado.

LIBORIO

Vou arranjar a mala. (*Entra no gabinete*).

BARNABÉ

(*vê-o sahir e ata o seu monogolo*) E' no Candal, suburbios de Villa Nova de Gaya; visitarei os armazens. Gaya dizem que tem um castello feito por um rei Mouro, e uma fonte celebre com uma agua muito fina, que seria a melhor bebida do mundo, se não estivessem ali perto as garrafeiras de 1815. Logo ali ao pé está o convento da serra, um logar historico... E' um bello arranjo... com repuxo. (*Desapparece pelo fundo — A scena fica vasia*).

SCENA VIII

Liborio e Itelvina

ITELVINA

(*entrando pela direita com uma malêta*) Creio que deixei aqui o meu chaile e o meu chapeu (*Põe a malêta sobre a meza*).

Digitized by Google

LIBORIO

(*sahindo do gabinete com a mala*) Onde diabo deixei eu a minha *Guia de viajantes?*

ITELVINA

(*achando o chaile e o chapeo sobre a cama*) Cá estão.

LIBORIO

(*achando a Guia*) Ella aqui está.

ITELVINA

(*parando junto d'elle*) Ah!... o senhor...

LIBORIO

(*surprehendido*) O'lé!... a senhora.

ITELVINA

Você parte?

LIBORIO

Parto.

ITELVINA

E' boa! temos a mesma ideia!

LIBORIO

Tambem vae?

ITELVINA

Sim senhor... As ideas encontram-se.

Digitized by Google

LIBORIO

Muito bem; mas, embora se encontrem as ideas, é necessario que nós nos desencontremos. Para onde vae?

ITELVINA

Para onde o senhor não fôr.

LIBORIO

Temos o mesmo itinerario. (*Assenta-se perto da jardineira, tendo a mala sobre os joelhos cujas correias aflvela, depois dę lá ter mettido pequenos objectos que tirou do marmore do fogão*).

ITELVINA

Eu vou para o sul.

LIBORIO

Paizes quentes... vae muito bem. N'esse cazo, tomarei o caminho de ferro do norte.

ITELVINA

A's mil maravilhas.

LIBORIO

Ora olhe... (*consulta o Guia*) Segue para Lisboa?

Digitized by Google

ITELVINA

Sigo no expresso.

LIBORIO

A's 7 da tarde.

ITELVINA

Tão tarde!

LIBORIO

Vejamos a linha do norte. Quatro e quarenta e cinco... que zanga!

ITELVINA

D'aqui até lá, que se hade fazer?

LIBORIO

Uma ideia que o estomago me inspira. Estou em jejum. Jantarei antes de partir.

ITELVINA

Na estação de Campanhã? Pois vá!... Eu faço o mesmo.

LIBORIO

(*a sahir com a mala*) Adeusinho, e estimo que coma com bom appetite.

Digitized by Google

ITELVINA

Da mesma sorte. (*Vão ambos a sahir pela porta do fundo, e param, cedendo a passagem um ao outro cortezmente*). Faz favor.

LIBORIO

Queira passar, minha senhora...

SCENA IX

Os mesmos e Sebastiana

SEBASTIANA

Aqui está a sopa. (*Passa por deante de Liborio e colloca a terrina sobre o gueridon*).

LIBORIO

A sopa!... Como cheira bem!

SEBASTIANA

Está uma delicia, meu senhor! (*sahe pelo fundo*).

ITELVINA

(*á parte*) Uma senhora sosinha n'um restaurante...

Digitized by Google

LIBORIO

(*aproximando-se da meza*) Que aromatica!...

ITELVINA

(*á parte*) O que eu devo fazer é deixar-me estar (*Depõe a malêta, o chaile e o chapeo*).

LIBORIO

(*largando a mala*) Se eu tomasse um caldo...

ITELVINA

(*indo á jardineira, e achando Liborio a destapar a terrina*) Então sempre se resolve?...

LIBORIO

Ah!... é que eu... como o outro que diz...

ITELVINA

Sim... eu tambem reflecti que jantar sosinha n'um restaurante... Repara-se, não é verdade?

LIBORIO

(*pegando da mala e passando para a direita*) Tem razão e eu cedo-lhe a sopa.

Digitized by Google

ITELVINA

Então o senhor... não come!

LIBORIO

Boa viagem. (*sahe pelo fundo*).

SCENA X

ITELVINA

(*só, parece muito agitada, e observa se Liborio não volta*) O tempo deve estar entroviscado... Cá o sinto nos nervos! (*Senta-se á esquerda da jardineira, e serve-se da sopa atabalhoadamente; come em silencio*) Esta sopa é detestavel! e depois não tenho appetite nenhum! (*Arremessa a colher*) Que é o que eu vou fazer a Lisboa? E' uma tolice. Viajar, para què? Lisboa já eu conheço... Se eu fôsse para o norte... (*Erguendo-se raivosa contra si*) Oh! Itelvina! tu és incrivel!... fazes coisas!... Eu fui muito injusta... porque elle amava-me... Meu pae foi o causador de tudo... Para que lhe disse elle... «Fez bem em matar Macario»? Oh! com certeza, teria elle feito uma boa acção, e a minha maior injustiça foi eu querer castigal-o por isso... Papel sellado!... que patife!...

Digitized by Google

LIBORIO

(*fóra*) Vae ahi á Batalha chamar o trem, depressa.

ITELVINA

E' a voz d'elle!... tornou!...

SCENA XI

Itelvina e Liborio

LIBORIO

(*entrando pelo fundo*) Queira perdoar, minha senhora! Chove a cantaros; hade consentir que eu espere o trem que mandei buscar.

ITELVINA

Póde esperar, e como está em jejum, e a sopa está excellente... se quer...

LIBORIO

A sopa cheira bem... muito bem... Isso é verdade.

ITELVINA

Se não receia que o envenene...

Digitized by Google

LIBORIO

Oh!... (*reconsiderando*) Em fim... (*jovialmente*) visto que a senhora tambem come...

ITELVINA

Então sente-se.

LIBORIO

Pois sim... Nada, não quero... Tenho visto muitas comedias em que esposos zangados commettiam a imprudencia de comer juntos, e á sobremeza tinham a desgraça de fazer as pazes... Eu não quero que a senhora se persuada...

ITELVINA

Sem cerimonia... Não quer?

LIBORIO

Não duvido... mas peço licença para comer a minha sopa, longe, acolá, sobre aquella meza (*Leva para a meza da direita o seu talher e prato; á parte*) Antes quero isto.

ITELVINA

A' sua vontade... talvez estivesse mais seguro no páteo.

Digitized by Google

LIBORIO

Isso não, porque o vento me sacudiria a chuva sobre o prato. (*come*).

ITELVINA

(*comendo tambem*) Que triste tempo para viajar!...

LIBORIO

Não tanto assim... Em primeira classe vae-se agasalhado... Mas pergunto eu: a senhora por que vae?

ITELVINA

Porque não quero estar no Porto.

LIBORIO

Mas, visto que eu me retiro, a senhora fique.

ITELVINA

Sosinha?

LIBORIO

Não: com seu pae e com o defunto Macario.

ITELVINA

Acha que é de bom gosto fazer-me troça?

Digitized by Google

LIBORIO

Pois não me disse ainda ha pouco que o amava?

ITELVINA

O senhor não me acreditou. Conhece-me bastante para saber que eu não sou mulher que ame quem a ultraja... Quer beber? (*deita-lhe vinho no copo*) Beba, ande. Ora vá!...

LIBORIO

(*erguendo-se*) Muito obrigado (*Vae pegar do seu copo de sobre a jardineira e bebe*).

SCNA XII

Os mesmos e Sebastiana

SEBASTIANA

(*entrando pelo fundo com um prato*) Fil-a esperar, minha senhora: mas a causa foi o senhor que me mandou buscar um trem (*a Liborio*:) Já lá está.

LIBORIO

(*pousando o copo*) Ah! bem! (*saudando*) Minha senhora!

Digitized by Google

ITELVINA

(*a meia voz*) Deante da creada, não. (*alto*) Sáe, Sebastiana.

SEBASTIANA

(*pondo o prato sobre a jardineira*) Sim, minha senhora. (*Sahe pelo fundo levantando a terrina e os pratos servidos*).

LIBORIO

Agora, se me dá licença... (*faz mensão de sahir*).

ITELVINA

Peço-lhe que se demore um momento... O meu fim não é fazer a tal scena das pazes, descance. Mas, como não nos veremos mais é necessaria a ultima explicação.

LIBORIO

De que serve isso?

ITELVINA

De mais a mais, sobra-lhe tempo para jantar aqui ou na estação. (*Servindo-o*) Quer uma aza de perdigoto?

Digitized by Google

LIBORIO

O certo é que as emoçoens tem-me extenuado... Tomarei um pãosito; mas deixemonos de explicações, se faz favor... (*Pega d'um prato e pão e vae sentar-se á sua meza, a comer*).

ITELVINA

(*passados instantes*) Confesso que fui violenta, arrebatada; mas o senhor julga-se innocente?

LIBORIO

De modo nenhum. Eu pratiquei o enorme e condemnavel crime de me apresentar á senhora em fórma de carta a participar um enterro. Confesso, contrito, a culpa. Se me levassem a uma policia correccional e o juiz me perguntasse: «O snr. Liborio é réo?» Eu respondia: «Sou réo, snr. juiz!»

ITELVINA

O senhor prestou-se a uma ridicula mistificação, uma fraude ultrajante, odiosa, só com o fim de dilacerar uma mulher.

LIBORIO

Não foi isso.

Digitized by Google

ITELVINA

Então que foi?

LIBORIO

O caso é este. Macario tinha-me dito o diabo a quatro da senhora. Ora eu tenho cá para mim que quanto mais mal se diz de uma mulher, mais se deseja ser amado d'ella. A alma do homem é assim formada de estupidez e capricho...

ITELVINA

Huum! (*Depois de um curto silencio*) Quer beber? (*Enche o copo*).

LIBORIO

(*erguendo-se*) Agradeço (*vae á jardineira*) Muito obrigado, querida senhora! (*Bebe e torna a ir sentar-se, levando o copo*).

ITELVINA

(*tendo bebido*) Sempre o senhor me collocou n'uma situação bem exquisita! Eu julgava-o o assassino de Macario; e, n'esta persuasão, o meu dever qual era? que me cumpria fazer?

LIBORIO

Mandar chamar o chefe da policia.

Digitized by Google

ITELVINA

Eu conheco lá policias...

LIBORIO

Em vez d'isso, pensou lá comsigo: «Como é um scelerado, cazo com elle. Se o mettesse na Relação, elle poderia fugir vestido de mulher; mas, cazando com elle, é o mesmo que pôl-o na Penitenciaria, d'onde não se foge facilmente.

ITELVINA

(*erguendo-se e vindo ao meio*) E isso é tão verdade que o senhor gosa a liberdade de retirar-se quando quizer.

LIBORIO

Mas pergunto eu: tenho liberdade para offerecer a outra o nome que lhe dei? Posso mentir, enganar... e mais nada. Com toda a certeza, heide esquecêl-a; mas hade levar tempo... Não me fingo mais forte do que sou... Esta manhan ainda eu a amava... Como os homens são, senhora!... As mulheres, ás vezes, agradam pelos seus defeitos... e a senhora estava na conta. A senhora chorava de raiva; e eu ao deixal-a, chorava imbecilmente

Digitized by Google

de saudade... d'amor! (*Ergue se*) Estupida confissão, mas verdadeira!... (*Passa á esquerda*) Ah! Como os homens são bêstas! Graças vos sejam dadas, Senhor! Isto acabou-se! (*Itelvina, sem lhe responder, corre á janella que abre*).

ITELVINA

(*atirando dinheiro á rua*) Cocheiro, ahi tem 10 tostoens; vá-se embora.

LIBORIO

Como é isso? elle é o meu cocheiro.

ITELVINA

Liborio! eu amo-te!

LIBORIO

Como?

ITELVINA

Tu não te vaes embora!

LIBORIO

Não vou?...

ITELVINA

Peço-te perdão, peço-t'o de joelhos! (*ajoelha*).

Digitized by Google

LIBORIO

(*ajoelhando-se tambem*) Tu... de joelhos!

ITELVINA

Confesso que fui injusta.

LIBORIO

Sim... a fallar verdade... mas não...

ITELVINA

Perdôa-me!

LIBORIO

Perdôo... E o pé torcido? Destorceu-se?

ITELVINA

Estou boa de todo.

LIBORIO

Minha esposa!

ITELVINA

Meu marido! (*abraçam-se sem se levantarem*).

Digitized by Google

SCENA XIII

Liborio, Itelvina, Barnabé e Sebastiana

BARNABÉ

(*entra pelo fundo e recúa*) Elles lá se estão a trincar um ao outro!

LIBORIO

(*erguendo-se*) Está enganado... não nos trincamos.

ITELVINA

(*o mesmo*) Meu pae, eu adoro o meu marido!

BARNABÉ

Ora ainda bem!

LIBORIO

Aqui entre nós, eu creio que ella está de todo *desméxicada*.

BARNABÉ

Antes isso, meus filhos, antes isso... Eu vinha annunciar-lhes que me installei definitivamente no Candal.

Digitized by Google

SEBASTIANA

(*a Liborio*) Meu senhor, a sege foi-se embora. Quer que se chame outra?

LIBORIO

Só se fôr para meu sogro que se muda, acho eu...

BARNABÉ

Effectivamente mudo para sermos todos felizes de uma assentada. Gosto do Candal. Tenho lá para me entreter o castello do rei mouro, os armazens de Villa Nova. Nos armazens... oh! isso lá é que ha fontes sem ser moiras; fontes christans... christans talvez de mais, por serem muito baptisadas... E depois a serra do Pilar, logares historicos, etc. Vocês cá ficam muito felizes...

ITELVINA

Sim, meu pae, muito felizes... (*abraça estremecidamente o marido*).

LIBORIO

(*com ternura*) Então, esta noite, não me penduras a bota nem escondes o chinelo?

Digitized by Google

ITELVINA

(*com meiguice*) Não.

LIBORIO

Nem torces um pé?

ITELVINA

Tambem não...

BARNABÉ

Bem! Regalem-se por cá. Lua de mel á portugueza... e nada de Mexico...

FIM

Digitized by Google

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06301 0253

Camillo Castello Branco

Amor de salvação	500
Amor de perdição	500
Edição de luxo	4$500
A neta do arcediago	400
A corja, continuação do Eusebio Macario	500
Bohemia do Espirito, 2.ª edição	1$000
Brazileira de Prazins	500
Carta de guia de casados	300
Correspondencia epistolar	1$200
Cancioneiro alegre, 2 vols.	1$000
D. Luiz de Portugal	300
Diccionario de educação e ensino	9$000
Eusebio Macario	500
Freira no subterraneo	500
Genio do christianismo	1$200
Luiz de Camões	400
Livro de consolação	500
Maria da Fonte	500
Noites de insomnia, 12 vols.	2$400
O carrasco de Victor Hugo José Alves	500
O vinho do Porto	200
Sereia	500
Seroens de S. Miguel de Seide	1$200
Vaidades irritadas e irritantes	200
Volcoens de lama	500

Emilio Zola

A Naná	500
Historia da lavandeira Gervasia	1$000
Thereza Raquin	500
O ventre de Paris	1$000
Uma pagina d'amor	600

Henrique Perez Escrich

A casaca azul	1$000
Contos amenos	300
Historia de um beijo	500
Mulher adultera	1$800
O pão dos pobres	1$800
A peccadora	3$000
A perdição da mulher	1$500
As redes do amor	2$000
A calumnia	2$500
A caridade christã	1$800
A felicidade	2$000
A formosura da alma	2$500
A mancha	500
A promessa sagrada	2$000
A prosa da gloria	500
As culpas dos paes	300
A segunda vida	500
As maripozas da alma	2$000
Caminho do bem	2$000
O inferno dos ciumes	1$800
Magdalena, a visinha do poeta	500
O amigo intimo	500
O amor dos amores	1$800
O Anjo da Guarda	1$800
O cura d'aldeia	1$800
O livro de Job	1$600
O martyrio da gloria	500
O martyr do Golgotha	1$200
O millionario	600
O piano de Clara	500
Os anjos da terra	2$500
Os apostolos	1$800
Os caçadores	500
Os comicos ambulantes	500
Os predestinados	2$000
O ultimo beijo	2$000
O violino do diabo	400
Por bem fazer, mal haver	500
Rico e pobre	500

Digitized by Google